

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FIGUEIREDO, Argelina Maria Cheibub . Argelina Maria Cheibub Figueiredo (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 15min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Argelina Maria Cheibub Figueiredo  
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2018

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Celso Castro; Sérgio Rodrigo Marchiori Praça;

***Técnico de gravação:*** Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 17/05/2018 a 17/05/2018

***Duração:*** 2h 15min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

***Temas:*** Assuntos familiares; Atividade acadêmica; Carreira acadêmica; Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Ciência política; Ciências sociais; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino superior; Estados Unidos da América; Família; Formação acadêmica; Formação escolar; Golpe de 1964; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intelectuais; Magistério; Militância política; Niterói; Obras de referência; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Política sindical; Pós - graduação; Rio de Janeiro (estado); São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal Fluminense;

## *Sumário*

Entrevista: 17/05/2018 Origens familiares em Bom Jesus do Itabapoana (RJ); Relação com o avô e com os pais. Mudança para Niterói e primeira escolaridade; Contexto familiar acerca do Golpe de 1964. Interesse pelas Ciências Sociais; Militância política e o curso na UFF durante a ditadura; Relação do seu marido com as Ciências Sociais e sua relação com os irmãos; Mestrado em São Paulo e comparação com o curso no IUPERJ; Surgimento do tema da tese sobre políticas sindicais; Primeira experiência de docência na UFF; Conciliação da maternidade com a carreira acadêmica; Pesquisa e estudos em Chicago nos EUA e a volta pro Brasil em 1979; Trabalho na Secretaria de Desenvolvimento Social do RJ Influências de cientistas sociais e de teorias intelectuais; Aulas na UNICAMP, o NEP e o trabalho para o CEBRAP; Parceria acadêmica com Fernando Limongi; Processo de levantamento de dados parlamentares em São Paulo; Retorno ao Rio de Janeiro; Relação com os orientandos; Relação com o IUPERJ durante a crise da instituição; Experiência no Comitê da CAPES e do CNPq; Artigos sobre a pesquisa parlamentar e aceitação dos trabalhos, análise sobre pesquisas passadas; Reflexão sobre o presidencialismo de coalizão; Análise sobre a política atual; Leitura marcante;

*Entrevista 17.05.2018*

C.C. – Argelina, em primeiro lugar, obrigado por aceitar nosso convite para participar desse projeto que, como eu expliquei, tem o objetivo de construir esse acervo, enfim, que fica público depois no nosso site, com cientistas sociais. Queria começar pela sua infância, formação antes da faculdade ainda. Você nasceu no interior do estado do Rio de Janeiro, Bom Jesus de Itabapoana. Aliás, várias pessoas do mundo acadêmico nasceram lá. Edson Nunes, que a gente entrevistou, a Helena Bomeny também, que foi daqui, nasceram lá.

A.F. – O Charles diz que Bom Jesus é a cidade com maior densidade de cientista social do Brasil. [riso]

C.C. – O Charles Pessanha, não é?

A.F. – Não, o Charles não é de lá, mas tem o Edson, a Helena Bomeny, enfim, eu, o Zairo nasceu lá. Enfim, mais algumas outras pessoas que eu conheço de economia, de ciências sociais.

C.C. – Bom Jesus é uma cidade pequena. Mas a sua família tem uma linhagem de políticos também. O seu avô.

A.F. – Exato. O meu avô... É família Borges lá de Bom Jesus. Meu avô foi interventor durante o período Vargas.

C.C. – Interventor onde?

A.F. – Interventor em Bom Jesus. É, nomeado pelo Amaral Peixoto, que era o comandante. Exatamente. O comandante Amaral Peixoto. Aí ele depois foi prefeito, foi deputado estadual.

C.C. – Sempre no PSD?

A.F. – Sempre no PSD e depois foi para o PMDB.

C.C. – É, o Amaral Peixoto foi do PMDB também.

A.F. – Tem um tio também que casou com a minha tia. Ele era juiz de Itaperuna. Depois ele deixou de ser juiz, foi advogado, mas também foi deputado federal. Um outro genro na política com o Amaral Peixoto, então as mulheres, a minha tia era muito política. Participava de tudo e meu tio foi deputado federal e depois meu primo, filho dele, José Augusto Pereira das Neves, também foi deputado federal. Ele foi ex-presidente da UFE. Ele foi presidente da UFE naquele período.

C.C. – UFE, União Fluminense de Estudantes.

A.F. – União Fluminense de Estudantes.

C.C. – O nome do seu avô qual era?

A.F. – Era José de Oliveira Borges. Ele tem uma entrevista aqui no CPDOC. Eu não me lembro quem fez, mas, inclusive, quando eu estava fazendo minha tese de doutorado, eu queria entrevistar o Amaral Peixoto e a Celina falou com ele para entrevistar uma amiga dela. Eu fui, ele me recebeu super bem bem, fiz a entrevista. Aí quando chegou no final da entrevista, eu falei com ele. Ele era senador na época. Fui até lá no Senadinho, aquele prédio do...

C.C. – Ele foi senador biônico.

A.F. – Foi biônico. Exatamente. Aí ele foi o que? Senador biônico, não é? Exatamente. E aí eu falei para ele. “Senador, eu sou neta do Zezé Borges.” O nome dele era Zezé Borges. Todo mundo chamava. Aí ele: “Mas minha filha, como você não falou isso antes?” Ele me recebeu como amiga da Celina de um jeito. Quando eu falei... “Por que você não me falou isso antes?” Aí começou a contar a história do meu avô. “Seu avô era muito bravo. Era uma pessoa da política, super correta, e bravo. Quando ele não aceitava...” Ele era chefe do PSD lá. “Quando ele não aceitava alguma coisa... Eu já vi seu avô pôr o dedo na cara do Miguel Couto.” Ele falou assim mesmo. Então vovô era um cara que era muito considerado.

C.C. – O arquivo do Amaral Peixoto está aqui. Deve ter correspondência com seu avô.

A.F. – Pode ser. Pode ser.

C.C. – Mas você chegou a conviver com ele bastante?

A.F. – Com o Amaral Peixoto? Com meu avô? Bastante. Bastante. Mas ele era uma pessoa meio fechada. Ele adorava os netos enquanto eram pequenos, brincava etc. Depois que os netos cresciam, ele conversava muito, mas tratava com uma formalidade. Se ele encontrasse com a gente na rua... Eu saí de Bom Jesus com 10 anos, mas depois voltei. Todas as férias de julho, – porque lá é muito quente no verão –, a gente voltava. Meus primos todos, nós éramos... Nós somos 40 netos do meu avô. Então todos os que eram mais ou menos da minha idade voltávamos para Bom Jesus. E com amigos e tudo. E o vovô, quando ele encontrava a gente na rua, ele falava: “Bom dia. Boa tarde.” Como ele falava para qualquer pessoa. E conversava muito com a gente.

C.C. – E seus pais?

A.F. – Meus pais não. Meu pai é comerciante, inicialmente. Depois ele passou para o setor financeiro, foi corretor e a minha mãe fez contabilidade lá em Bom Jesus e ela fez, na época... Ela tem 90 anos hoje. Porque meu avô virou para ela e falou assim: “Olha, você pode fazer o curso normal, mas não pensa que eu vou te arranjar emprego aqui perto. Você vai passar. Eu só arranjo emprego para parente longe e pobre.” [riso] E aí minha mãe virou e falou: “Não, vou fazer contabilidade. Porque eu não vou fazer normal.”

C.C. – Qual era o nome deles? Seus pais.

A.F. – Zairo Cheibub e a minha mãe Terezinha Borges Cheibub, mas eles depois se separaram, então Ferreira Borges hoje.

C.C. – Mas a família da sua mãe era de Bom Jesus mesmo?

A.F. – Meu avô era da família da minha mãe. Era de Bom Jesus. A família do meu pai era do Espírito Santo. Meu pai é filho de libanês, que veio para o Brasil por causa de um problema de saúde. Diferente da migração libanesa, meu avô era uma pessoa muito rica e já veio para cá, ficou viúvo e veio para cá com 10 filhos. Aí casou com a minha vó, que era bem mais nova do que ele, mas ele morreu. Quer dizer, meu pai mal conheceu. Na verdade, eu acho que ele era bem pequeno quando meu avô morreu, então eu tive pouco contato com esse lado libanês. Porque a minha vó era descendente de italiano. Depois ela casou com um italiano.

C.C. – Bom, você mencionou que aos 10 anos você saiu para estudar em Niterói, não é?

A.F. – Fui para Niterói. Não, minha família toda mudou. Minha família toda mudou. Tem uma outra coisa engraçada.

C.C. – Mudou por que, Argelina?

A.F. – Mudou porque minha tia e meu tio já moravam em Niterói, já tinha vários outros irmãos e foi na época que meu pai resolveu, quer dizer, mudou de trabalho também. Então nós fomos todos para Niterói. E tinha a coisa de estudar. Meus irmãos foram quase um ano antes, – um dos meus irmãos –, estudar no Instituto Abel. Aí ele já estava em Niterói. Naquela época tinha internato. Então mudamos a família inteira. Eu estudei no colégio Pio XI, que hoje não existe mais, que era do arcebispado de Niterói. E a minha mãe, – meu avô falava isso também –, contava uma história que era a seguinte: que eu com cinco anos para seis anos, – cinco anos –, eu lia. Sabia ler, sem ir para a escola. E aí um dia o Amaral Peixoto estava lá na casa do meu avô e meu avô mostrou. “Olha como é que ela sabe ler e tal.” Aí ele falou: “Essa menina precisa ir para a escola. Não pode deixar.” Aí me puseram na escola no dia seguinte. Uma escola privada, que não podia ir para o grupo, grupo escolar. Aí eu fiz com seis anos primeira, segunda, terceira, quarta série. Aí, como eu não tinha idade para fazer o exame de admissão que tinha na época, para passar para o ginásio, eu fui para o grupo, fiz quarta e quinta série e a minha professora do grupo escolar, ela sempre me acompanhou. Quando eu voltava a Bom Jesus, por qualquer ocasião, ela queria falar comigo e agora, ano passado, eu passei muito tempo sem ir a Bom Jesus. Depois que a minha avó e meu avô morreram, eu praticamente não fui mais. Aí ano passado meu pai morreu lá em Bom Jesus e a dona Maria Isabel foi e falou comigo, e fez um discurso. Quer dizer, um discurso. No velório, falou que eu era muito importante, falou umas coisas assim. Era uma pessoa que tinha um amor muito grande pelos alunos e ela foi muito importante para mim como professora. Inclusive, eu adorava história, ela gostava muito de história. Era monarquista. Eu lembro que eu rabiscava a foto. Você tinha aqueles livros escolares, era a foto de cada presidente desde a república e eu riscava o Marechal Deodoro. Não gostava dele.

C.C. – Em que ano que você foi para Niterói?

A.F. – Ih, agora ano. Eu tinha 10 anos. Eu nasci em 1947. Dez para 11 anos. Acabei de fazer 70 anos também, o que é um baque na trajetória pessoal.

C.C. – Esse período em Niterói você se formou... Você fez o curso normal também, não é?

A.F. – Fiz o curso normal.

C.C. – Quando é que você concluiu o normal?

A.F. – Não lembro. Eu sei que eu entrei para a faculdade e fiz um ano de curso de inglês .. Foi em 1967. Então em 1966 eu concluí. Enfim, eu comecei em 1967, um ano, e aí em 1968... Não, foi o contrário. Eu acho que 1966. Eu não me lembro, mas em 1968 eu estava na faculdade de ciências sociais.

S.P. – Desculpa, o curso normal é o ensino médio de hoje?

A.F. – É o ensino médio. É. É o ensino médio. Era um curso, na época, de formação para professor. Professor primário.

C.C. – Muitas mulheres só podiam fazer até o Normal.

A.F. – Faziam o Normal. É, uma grande parte. Eu cheguei a dar aula no primário.

C.C. – Lá em Niterói?

A.F. – Lá em Niterói. Não, só isso.

C.C. – Esse contexto que eu queria falar, até porque você menciona na entrevista uma coisa sobre o golpe de 1964, que a sua família era contra.

A.F. – Minha família era totalmente contra. Contra o golpe.

C.C. – Bom, o PSD nacional acabou apoiando, ficou uma coisa meio confusa. Como é que você viu esse contexto? Você lembra? Quer dizer, você tinha sete anos.

A.F. – Não, não, eu tinha mais. Sessenta e quatro. Faz a conta. Eu tinha 17. Dezesete, por aí. Não, em 1964 menos de 17, porque 1947 para 1967, seriam 20. É, por aí. Está certo. Estou péssima de conta. Dezesesseis para 17, eu acho. A gente tende a diminuir. A minha lembrança era que eu tinha menos. De qualquer maneira, naquela época, meu avô, minha família inteira foi contra o golpe. Como eu disse, meu primo era presidente da União Fluminense de



Estudantes e eu também já tinha participado de grupos da JEC do secundário. De estudantes secundários. Ele era da JUC. Nós éramos uma família assim, católica, mas ninguém era muito progressista. Nós éramos assim. Eu, meu primo. Eu fiquei muito traumatizada. Eu falo isso na entrevista para a Casa Rui, que eu estava na escola, era 1962, mais ou menos. Ou eu estava no ginásio. E uma professora falou para gente ler *Novos Rumos*. Ela deu meio para contrastar jornais e posições. E ela foi demitida sumariamente. O arcebispo da época era daquela tendência mais conservadora da igreja, que tinha o bispo de Campos, que era superconservador, e o padre de Bom Jesus também era superconservador. E a minha vó era daquela congregação de... Tinha uma congregação que ela era que tinha uma fita e quando a gente ia lá, – isso já com 17, 18 anos –, quando a gente ia para Bom Jesus, ela entregava a fita para o padre, porque o padre não deixava fazer baile, fazer todo tipo de coisa. Ela entregava a fita. Aí um dia eu falei com ela. “Vovó, você não tem medo que ele não te aceite mais?” Ela: “Não, eu sou a que mais arranjo dinheiro para a igreja, ele vai me aceitar.” Então ela era uma católica não tão católica assim. A minha família, nesse ponto de religião, era mais liberal.

C.C. – E o interesse pelas ciências sociais?

S.P. – Posso só perguntar uma coisa para seguir a cronologia? No golpe de 1964 você, as pessoas na época, sentiu como uma coisa muito repentina, ou algo que estava sendo criado e que aconteceria?

A.F. – Não, eu, pelo menos, vi como mais repentino. Não esperava. Eu acho que muitos atores políticos não esperavam também.

S.P. – O seu cotidiano mudou, de alguma maneira, por conta disso?

A.F. – Não, até eu entrar para a faculdade. Aí mudou. Realmente mudou.

C.C. – Mas voltando à pergunta, seu interesse por ciências sociais surgiu como?

A.F. – Pois é, eu sei porque na minha família sempre se discutiu muito a política. Bom Jesus era uma cidade que tinha o... O PTB era muito importante em Bom Jesus. O Roberto Silveira era de Bom Jesus também. Então você tinha sempre esse contexto político, que era muito importante. A casa do meu avô era muito visitada por políticos e a gente participava. Então eu, pequena, tenho uma foto de um comício na varanda da casa do meu avô, que era meio alto

assim e o pessoal lá embaixo. E eu sentada do lado de alguém fazendo discurso. Então eles sempre faziam. Eu conheci o Miguel Couto na casa do meu avô também. Falei com ele, tem foto com o Miguel Couto. Eu vivia muito esse ambiente de política. Mas, na verdade, nunca me interessei por fazer política e eu acho que eu fui para a faculdade... Mesmo na faculdade eu militava, mas eu não era uma militante liderança. Enfim, fui representante de turma. Eu participava mais dessas coisas ali da base mesmo, mas tinha uma participação importante. Ia, obviamente, em todas as passeatas. Inclusive, depois de proibidas. Tive algumas atividades paralelas, com pessoas que eu sabia depois, mais tarde, que estavam envolvidas em luta armada e coisas do gênero. Tem várias pessoas que eram do nosso convívio da universidade que depois sumiram, enfim.

C.C. – Você entrou em 1967?

A.F. – Sessenta e sete. Sessenta e oito eu já estava.

C.C. – No meio do curso você pega o período mais repressivo.

A.F. – Eu entrei em 1967 e terminei em 1970. Na verdade, durante o curso começou uma repressão mais... Porque foi o ano inteiro ainda do Médici durante o curso, quando eu estava na faculdade, mas eu peguei o período mais... Peguei 1968, 1969, mas o período anterior foi um período menos repressivo.

C.C. – Mas o AI-5, essa coisa, afetou alguma coisa do curso, os professores, ou não?

A.F. – Lá na fluminense os professores eram muito jovens. Na verdade, muitos fazendo mestrado na USP. A Celina foi professora lá na fluminense.

C.C. – Celina Vargas.

A.F. – Celina Vargas foi. E vários outros professores, muito bons professores. O curso era muito bom. Como aqui na UFRJ tinha sofrido uma repressão muito grande, a fluminense tinha o Castro Farias, que era do museu. O Castro Farias era um ótimo professor.

C.C. – Eu fui aluno dele no museu.

A.F. – Você foi também?

C.C. – Sim. Já aposentado, mas dava aula.

A.F. – Ele era incrível, não é? Na graduação ele dava aula e ele falava umas coisas muito interessantes. Um dia ele falou para a gente: “Não confunda empirismo com imperialismo.” Então ele falava umas coisas. E ele andava, fazia a gente... Nesse período, o nosso curso era onde hoje é a reitoria. Ali na praia de Icaraí. E as aulas eram à noite. Começavam às 17h, iam até 22h, 22h30min. Então a nossa turma, apesar de algumas pessoas fazerem política, mas de forma mais liderança, não atrapalhava tanto assim os estudos. A gente era um grupo inteiro, na verdade. Eu fui a última turma da faculdade. Depois entrou o sistema de crédito. Então nós éramos muito unidos por turmas. O Charles era de uma turma mais adiantada do que a minha. Uma turma acima, eu acho. O Charles e a Elina. Charles Pessanha e a Elina.

C.C. – Se conheceram na faculdade.

A.F. – Na faculdade.

C.C. – O Marcus Figueiredo você conheceu também na faculdade.

A.F. – Conheci na faculdade. O Marcus era de uma turma depois da minha. Marcus foi fazer faculdade mais tarde de ciências sociais. Ele fez antes economia, começou uma coisa de física, então ele demorou a se encontrar.

C.C. – Mas vocês começaram a namorar na faculdade ainda?

A.F. – Olha, na verdade, quando eu saí da faculdade, eu conheci o Marcus com outras namoradas [riso] e a gente só começou a namorar quando eu saí, em 1970, que eu fui para São Paulo e, apesar de ele já ter me paquerado um ano antes, não teve namoro, não.

S.P. – Na faculdade chegou a haver alguma greve, ou paralisação estudantil, que atrapalhou o andamento do curso?

A.F. – Olha, greve prolongada não. Não me lembro de greve. O que a gente perdia aula, por exemplo, quando tinha alguma atividade e as coisas saíam, mas eu não estou lembrada de greve prolongada, assim, como a sua teve depois.

S.P. – E chegou a ter algum curso censurado, ou livro, que de repente, depois do AI-5, não podia mais discutir?

A.F. – Lá na fluminense não. Quer dizer, durante o meu período. Eu saí em 1970, então eu acho que não chegou lá na fluminense, entendeu? Fluminense era uma graduação muito... Eu acho que foi excelente a graduação. A minha formação... E não foi só em política, não. Antropologia e sociologia também. Tinha uma formação de ciências sociais bem aprofundada. Só para dar um exemplo, a gente saiu conhecendo Radcliffe-Brown, que são os menos conhecidos da antropologia. Não só Lévi-Strauss, mas Radcliffe-Brown, etc. Nós tivemos com o Melatti um curso de teoria antropológica, que foi muito bom. Depois o Cássio Faria, depois o Vagner. Então nós tivemos excelentes professores de antropologia, o que foi muito bom para a formação. E de sociologia também.

C.C. – Quando você se formou, o Marcus estava trabalhando no IUPERJ já?

A.F. – Ele já estava. O Marcus já tinha começado desde... Olha, o contato do Marcus com o IUPERJ era desde 1966. Ele era amigo do Bolívar, o Bolívar estava no IUPERJ... Tem um artigo que ele escreveu em 1966 sobre a revista *Cultura* e alguma coisa, do DIP. Como é que chamava?

C.C. – *Cultura Política*. Quando ele entrou na faculdade, ele já estava no IUPERJ e ele fazia uma ponte muito grande entre o pessoal da fluminense e o IUPERJ no sentido de indicar para as pesquisas. Eu, desde o segundo ano, comecei a participar de pesquisas no IUPERJ com Amauri, depois, mais tarde, com o Wanderley. Enfim, vários dos nossos colegas participaram em pesquisa no IUPERJ como estagiários.

S.P. – Uma pergunta familiar antes. Você tem dois irmãos?

A.F. – Tenho quatro irmãos. Quer dizer, cinco. Quatro irmãos e uma irmã. Zairo, José Antônio. Os dois são cientistas sociais. Aí tem um que é médico, o outro economista e a minha irmã é pedagoga. A trajetória do Zairo e do Zé Antônio foi engraçada, porque eles viviam conversando comigo e no meu quarto. Falando, quando voltava de alguma passeata eles queriam saber.

S.P. – Eles são mais novos do que você?

A.F. – São mais novos. O Zé 13 anos mais novo do que eu e o Zairo 10. E aí o Zairo foi fazer ciências sociais. E eles dois tinham aquela coisa de irmão. Competição, conflito entre dois irmãos próximos. O Zairo foi fazer ciências sociais e o Zé queria fazer ciências sociais também, mas ele não fez porque o Zairo ia dizer que ele estava seguindo ele. [riso] Aí ele fez história na UFF e os dois foram ser cientistas políticos. O Marcus também. Depois que eu e Marcus casamos, eles também viviam lá em casa e conversavam muito. Enfim, foi uma convivência muito...

C.C. – Mas quando você acabou a faculdade, o caminho natural teria sido ir para o IUPERJ, não? Você acabou indo para São Paulo. Como é que foi essa decisão?

A.F. – Sim. Olha, na verdade, eu até fui em uma conversa com o autor, o Fabiano falou que eu fui para São Paulo. Eu fui para São Paulo para sair de casa, na verdade. Tinha os meus professores, que faziam o mestrado em São Paulo, e me animaram muito. O Francisco Ferraz, a Estela Silva... Principalmente eles dois. E eu, na verdade, gostava bastante do IUPERJ. Quando eu fui para São Paulo, eu cheguei a começar um curso do Wanderley, que eu estava gostava muito. Mas quando fui admitida lá, eu resolvi ir para São Paulo. Falei com meu pai, ele ia me custear a moradia, ficar lá em São Paulo durante esse período, e aí eu fui para São Paulo. Foi bom. Era um mestrado totalmente diferente daqui do IUPERJ. Por exemplo, só tinha quatro cursos. Eu fiz um curso com o Weffort, fiz um curso com o Leôncio, fiz um curso com a Eunice Durham e fiz um curso com o Luiz Pereira. Então era um curso por semestre e pronto. Naquela época, o curso era de sociologia e o curso de ciências políticas foi criado mais tarde um pouco. Não me lembro quanto tempo depois. Mas a minha tese era de política, na verdade. E o Leôncio é um meio termo. Sociologia e política, ele é sociólogo político, vamos assim dizer.

C.C. – Só para não perder, vamos dizer, o fio pessoal. Aí você já estava namorando com o Marcus quando foi para São Paulo?

A.F. – Não. Eu comecei a namorar o Marcus em setembro de 1971 e a gente casou em janeiro de 1972. Foi um casamento que nossos amigos diziam: “Esse não vai dar certo.” [riso]

C.C. – Mas você foi para São Paulo antes, então?

A.F. – Eu fui em março e aí o Marcus começou a ir a São Paulo me visitar.

S.P. – Você mencionou que o mestrado da USP era muito diferente do IUPERJ. IUPERJ era mais ciência política?

A.F. – Não. O mestrado que eu fiz foi sociologia, então eu não esperava que fosse o de ciência política. O Luiz Pereira, eu lembro que era um curso sobre Poulantzas e era um curso mais sobre marxismo. O do Weffort era pensamento político brasileiro e o da Eunice era teorias antropológicas. E o do Leôncio era sobre sindicalismo na época, que era o que ele fazia mais. Então eram esses quatro. O IUPERJ já tinha um sistema de maior número de cursos e uma formação mais definida. E o curso era de ciência política.

C.C. – Às vezes falam que é o sistema mais americano e a USP é mais francês. Eu não sei a tua percepção.

A.F. – Mais francês, exatamente. Eu acho que era mesmo. Quer dizer, esse sistema mais tutorial é bastante endógeno, no sentido de que os professores meio que seguiam os alunos que faziam graduação, já tinha quase que assegurado, ou pelo menos os melhores alunos, uma entrada no mestrado. Na verdade, por exemplo, quando eu fui, o Leôncio é muito engraçado. Ele fala as coisas claramente. Ele falou: “Eu não tenho mais vaga.” A rigor, na secretaria, a seleção ia começar no dia seguinte com a entrevista. Só entrevista com o orientador, com o seu escolhido como orientador. E na turma que entrou comigo só tinha mesmo três pessoas de fora da USP.

S.P. – Eram quantos alunos no total, mais ou menos?

A.F. – Sabe que eu não lembro? Eu pensei nisso. Três é até muito, mas eram três. Mas tinha mais gente. Tinha, no mínimo, 15. Uns 15 mais ou menos.

S.P. – E nenhuma disciplina de metodologia.

A.F. – Não, não.

S.P. – Coisa que no IUPERJ deveria haver.

A.F. – Tinha. No IUPERJ já tinha. O Nelson já era professor do IUPERJ acho que desde o início e o Amauri também.

C.C. – E o tema da política sindical? Como é que surgiu o tema do mestrado?

A.F. – O tema do mestrado?

C.C. – Foi você que quis, ou foi o teu orientador que sugeriu?

A.F. – Não, na verdade fui eu, mas de qualquer maneira, eu fiquei como qualquer mestrando fica. O que eu vou fazer? O que eu vou estudar? E aí fiz de um ponto de vista que era assim: era a política dos militares e não era propriamente o movimento sindical. Então eu fiz um trabalho que já era um trabalho de pesquisa empírica, que eu fui para o Ministério da Fazenda, que tinha uma biblioteca muito boa, e eu coletei em todos os diários oficiais as intervenções nos sindicatos. E o levantamento que eu fiz sobre algumas... Principalmente o número de associados de cada sindicato que sofreu intervenção, eu não encontrei o... Como é que chamava? O relatório, o cadastro sindical que tinha de 1961. E quem me emprestou foi o José Albertino Rodrigues. Eu descobri que estava com ele. Não lembro como. Talvez o Leôncio tenha sugerido de procurar com ele e ele tinha. Foi super gentil comigo, me mandou pelo correio e tal. Eu demorei um pouco a defender a tese de mestrado, na verdade. Eu comecei em 1970 e defendi em 1976, mas ela estava pronta desde 1975, porque eu não podia... Primeiro que na USP, para indicar a banca, era a congregação que indicava. Nem o orientador, nem a pessoa, nem o orientando, poderia indicar. E aí a banca indicada para mim foi o Weffort , o Azis Simão e o Leôncio, que era meu orientador. Aí o Azis Simão, quando ele pegou a minha tese e viu que ele não estava citado, ele saiu da banca. Aí demorou um tempo. Porque isso dependia da reunião da congregação. Depois de provar, depois de falar com a pessoa... A minha tese já estava pronta desde 1975. E aí indicaram o José Albertino Rodrigues, que para mim foi muito bom, porque ele tinha sido realmente muito útil cedendo o cadastro.

S.P. – Naquela época você sentia que a formação no mestrado era um enorme salto na sua carreira? Porque hoje, até o Limongi costuma, quando eu fui fazer o mestrado lá... “O mestrado é rapidinho, dois anos. É só o primeiro passo.”

A.F. – Hoje mudou muito. Antigamente você tinha tese de mestrado, por exemplo... Um exemplo é o da Ângela Castro. Ângela Castro era uma tese de mestrado. A minha tese de mestrado deu um artigo, que foi publicado logo. Eu não achava que devia ser um livro.

S.P. – Por quê?

A.F. – Porque primeiro que a minha tese de mestrado foi uma tese, – e aí isso já tinha um pouco de influência do IUPERJ –, foi uma tese muito pequena para os padrões da época. Tinha, sei lá, 120 páginas. Então eu nem pensei em publicar. Nem pensei em publicar, mas depois eu tinha uma pesquisa que era muito importante e eu tinha uma interpretação. Aí é que é o meu problema até hoje. As pessoas acham que quem faz pesquisa empírica não tem teoria, não tem interpretação. Eu gosto de trabalhar com dados novos, contribuir, e esses dados me permitem dar uma interpretação ou desenvolver uma teoria. Desenvolver ou refutar uma teoria, nesse sentido bem popperiano mesmo, mas tem teoria. A pesquisa empírica que não tem teoria é ruim, então eu acho que eu não pensei em publicar. Era um salto na carreira no seguinte sentido: naquela época, quem tinha mestrado conseguia emprego bom com uma certa facilidade. Basta dizer que eu e o Marcus com o mestrado, a gente morava em um apartamento relativamente grande. Quer dizer, três quartos no Jardim Botânico. A gente teve dinheiro para bancar uma ida nossa para Chicago três meses antes de começar o doutorado, ainda levar minha irmã, porque a gente ia fazer um curso de inglês. O curso durou um mês e pouco. Aí a minha filha tinha seis meses na época. A Camila. Então ela ajudou muito para gente fazer esse curso de inglês para melhorar o inglês. Então, quer dizer, era um salto e eu era professora da fluminense nessa época.

S.P. – Havia concurso?

A.F. – Era um concurso, mas não era concurso público, não. Era como se fosse uma seleção e foi por concurso. E aí na fluminense eu pedi demissão para ir para Chicago. E aí, talvez por influência da USP, dessa coisa toda, eu queria ir para a França e o Marcus queria para os Estados Unidos. Enfim, ele também tinha preferência por Michigan, eu tinha por Chicago e a gente acabou ficando em Chicago. E eu acho que se a gente tivesse ido para Michigan seria muito bom, mas de qualquer maneira, Chicago eu acho que foi muito, muito bom. Aí foi realmente.

C.C. – Mas deixa só eu perguntar sobre o tema do mestrado. Já havia alguma produção sobre sindicatos, [inaudível] sindical. Nos anos 1980 e 1990 vai ter um *boom*, um novo sindicalismo e mais à frente crítica do novo sistema.



A.F. – O Zairo falava que na faculdade eles falavam: “Sua irmã estuda o sindicato.” [riso]

C.C. – Mas sobre o tema, como é que era, vamos dizer, o interesse, o apelo, na época que você fez, e se você puder falar como é que você vê depois esse *boom* sobre sindicatos. E hoje em dia parece que diminuiu. Não sei.

A.F. – Extremamente.

C.C. – Como é que a especialista vê?

A.F. – Do meu ponto de vista, eu escolhi como eu sempre queria. Era política do governo. Eu estava preocupada com a política e não com o sindicato. Mas na minha tese o que eu peguei, que eu vi, eu fiquei analisando como que foram as intervenções e verifiquei que elas se deram na cúpula dos sindicatos e nos sindicatos que eram politicamente orientados. Sindicatos, federações e as confederações principalmente, e sindicatos ativos politicamente. Com isso, eles desestruturaram o movimento sindical e eu acho que o movimento sindical não tinha, a partir daí, - depois disso eu desenvolvi um pouco na minha tese de doutorado. Não desenvolvi. Eu simplesmente tomei como um dado que o sindicato tinha bases muito pouco consolidadas. Muito por causa do imposto sindical e pelo fato dos sindicatos não terem interesse em cultivar, vamos assim dizer, e expandir. Se tinha um grande número de associados, etc., os sindicatos mais politicamente voltados. Eu acho que não tinha um interesse, por parte do sindicalismo em si, tão grande. O desenvolvimento depois e dos estudos eu acho que se deveu pelo protagonismo que os sindicatos vieram a ter no período autoritário, que aí foi uma organização, no meu ponto de vista, mais de base. Eu não sei se os estudiosos de sindicato vão concordar comigo, mas de uma maneira geral, a minha interpretação do período anterior ao golpe, que você tinha uma radicalização da elite, que era muito menor do que a radicalização na sociedade. Hoje eu acho que a gente tem uma radicalização que se espalhou, veio para baixo. Naquela época, eu achava uma coisa muito mais de elite. Eu acho que eu tinha... Enfim, e acho que isso, o fato de que a repressão militar destruiu os sindicatos, pegando as suas lideranças, os sindicatos mais importantes, que é óbvio de uma política de repressão... A hipótese era óbvia. Mas não teve... Porque as intervenções foram muito logo depois e deixou morto o sindicato, então eu acho que isso gerou um movimento de base que mudou, e o interesse pelo sindicalismo no Brasil. Apesar de você ter alguns líderes que tinham bases civis políticas, bases sindicais,

mas enfim. Acho que o novo sindicalismo realmente despertou esse interesse da academia. Mas nunca foi o meu interesse estudar o movimento sindical.

C.C. – A política sindical, não é? Bom, e aí só para não perder o fio, você falou da ida... Acabou indo para Chicago.

S.P. – Celso, desculpa. Rapidinho. Se puder falar um pouquinho mais como era ser professora na UFF antes de ir para Chicago.

A.F. – Olha, eu fiquei pouco tempo na UFF. Dois anos.

C.C. – Você deu aula de que?

A.F. – Eu dei aula de sociologia, porque eu substituí a Estela Silva. Então eu dei aula de sociologia. E o concurso foi uma aula sobre classes sociais e tal. Eu era muito nova, eu era muito insegura, então foi uma experiência que não foi das melhores do meu ponto de vista, mas foi tudo bem. Mas me demandou muito esforço para dar as aulas. Foi minha primeira experiência de aula.

C.C. – O Marcus continuava no IUPERJ ou também...

A.F. – Continuou no IUPERJ. Não ficou na USP, não.

C.C. – Na UFF.

A.F. – Na UFF. Na UFF não. Ficou no IUPERJ.

S.P. – Você quer dizer que era mais um esforço para preparar as aulas, ou de timidez, falar em público?

A.F. – Preparar e mesmo para dar as aulas e tal. Eu, na verdade, não sou professora nata, entendeu? Aquele tipo de professor que fala. Eu sempre digo que eu sou aluno dependente. Então se a turma é boa, eu sou ótima professora. Se a turma não é, se não tem empatia, aí vai ser um semestre de sacrifício. E isso até... Eu me lembro quando eu dava curso, – isso já era uma professora de anos e anos –, e quando começava o semestre, eu ficava nervosa. O Marcus falava: “Gente, eu não consigo entender.” Eu não sei que turma que vem por aí. [riso] Sempre

preferi dar aula para pós-graduação. Nunca dei aula para o primeiro ano. Eu passei a Unicamp inteira, nunca dei aula para o primeiro ano.

S.P. – Da graduação.

A.F. – Da graduação. Porque eu tinha aquela ideia de que eu não sou boa para explicar alguma coisa, porque eu não sei dizer assim... Eu acho que para dar aula você tem que mostrar todas as perspectivas, então eu achava muito difícil um aluno de graduação de primeiro ano entender “ah, esse conceito.” Não é isso. Pode ser isso, pode ser aquilo, aquele outro. Enfim, não é que perspectiva. Então eu nunca dei aula para o primeiro ano. E lá na Unicamp o maior número de cursos que eu dei foi na pós-graduação, porque o pessoal lá gostava de dar aula na graduação. Então não tinha aquela competição enorme, você não tinha que pedir credenciamento para ir. Todo mundo dava na pós e na graduação, então eu tive oportunidade de dar muito, porque eu me ofereci e ninguém era contra.

C.C. – Bom, então vamos falar da ida para os Estados Unidos? Você foi, disse antes, um pouco para estudar inglês e foi a sua irmã, não é?

A.F. – Foi a minha irmã comigo.

C.C. – E já tinha nascido a Camila.

A.F. – Isso.

C.C. – Uma pergunta antes de entrar na experiência acadêmica mesmo. Como é que você vivia essa relação maternidade – vida acadêmica? Que é uma questão que hoje fica muito presente para as jovens mulheres. Como é que era na época ser mãe?

A.F. – E as minhas orientandas me perguntam isso e eu falo: “Tenha. Tenha um filho. Não fica...” Olha, Marcus falava assim, que a Camila era mestrado e a Joana doutorado. Porque eu, quando eu estava fazendo mestrado, eu tive a Camila. Eu contei todo o processo da congregação, de resolver a banca, mas aí quando eles resolveram, eu não podia ir, porque a Camila nasceu em dezembro.

C.C. – De 1975.

A.F. – Setenta e cinco. Ela nasceu em 1975. Aí levou até junho do ano seguinte para eu defender a tese. Agora eu não lembro se o negócio da congregação foi antes ou depois. Não sei direito agora. Memória é uma coisa. E eu cheguei lá em junho já com a minha viagem marcada para Chicago, tudo. E naquela época todo mundo ficava meio nervoso com a tese de mestrado. Na USP aquele salão nobre, que hoje quase... Quer dizer, não sei como que é a distribuição, mas as teses de doutorado são em outras salas. Era uma coisa. A banca ficava aqui, você no banco do réu e um salão enorme de cadeiras acolchoadas e tal. Eu fui sozinha para São Paulo, não sabia onde era e lá o curso de ciências sociais era nos chamados barracões, que eram longe da administração.

S.P. – Não era onde é hoje?

A.F. – Não. Era aonde é a ECA e era uma construção precária, que eles chamavam de barracões. Então eu perguntei para a secretária. Eu falei: “Aonde que vai ser a minha tese?” Ela falou: “Você vai defender tese hoje?” Eu falei: “Vou.” “Mas você não está nem nervosa.” Aí eu falei. Não dava para estar, porque eu já estava a caminho. E essa ida para Chicago também porque a gente tinha possibilidade de arranjar outro emprego. Eu me demiti da UFF, a gente fechou a casa, fechou tudo e foi para Chicago sem saber o resultado da bolsa do CNPq. Antes de saber o resultado. E a gente falava assim: “Ah, se não der, a gente passa três meses lá. A gente volta. Faz tudo de novo.” E aí nós fomos. Bem, ela tinha seis meses quando a gente chegou, em julho. Em setembro, quando as aulas começaram, eu tive que ter uma maneira de lidar. Então ela foi para uma *baby-sitter* à tarde e de manhã, - porque ela ainda era muito pequena, tinha que tomar almoço cedo e levar, - eu ficava estudando, o Marcus ia para a biblioteca. E o Marcus, ele gostava muito de acordar tarde e ele fala que lá em Chicago foi o período que ele foi funcionário público, porque ele acordava às 9h e ia... Acordava às 9h não. Às 9h ele estava na biblioteca e ficava até às 17h. Porque nunca teve isso na vida dele. Aí no princípio eu fiquei, Camila ia pouco tempo. Mas depois a gente teve que estender esse tempo e era uma *baby-sitter* brasileira, que cuidava de mais duas crianças e tinha um filho. Mas em dezembro ela foi embora e a escola, que lá a pré-escola só aceitava criança com dois anos, já treinada. Então teve um período que ela passou três meses em uma *baby-sitter* que eu consegui, que era perto da minha casa, que era argentina. Então a Camila tinha aprendido umas palavras em inglês, começou a aprender umas palavras em espanhol e falava muito bem. com um ano e meio ela já fazia frases e tal.

Depois ela começou na escola, aí ela ia em horário integral para a escola. Eu nunca senti que atrapalhou.

C.C. – Nem depois? Maternidade naquela época atrapalhava, interferia na vida acadêmica das mulheres?

A.F. – Olha, nunca interferiu na minha, porque não tive nenhuma descontinuidade na minha vida acadêmica e foi interessante porque lá a gente tinha que fazer... A minha tese e a do Marcus, as teses foram aceitas para cobrir um ano de curso. O doutorado, que lá incluía o mestrado, quer dizer, a pós-graduação, eram 27 cursos e nós fomos liberados de nove, que é o primeiro ano. Liberados, mas fizemos, porque aí em dois anos a gente cumpriu todos os cursos. E eu ainda fiz mais quantos? Dezoito. Eu ainda fiz mais cinco. Eu fiz 23 cursos ao todo. Mas era uma oportunidade que você não podia deixar. O departamento de Chicago, ele era o primeiro departamento lá no *ranking* dos Estados Unidos. Não tinha metodologia obrigatória, não tinha nenhuma cadeira obrigatória para 27 cursos para os alunos de lá. Muitos faziam estatística, outras coisas, em outros. Eu fiz um curso de filosofia, fiz um curso de história, sobre história dos movimentos socialistas nos Estados Unidos, que foi um curso ótimo. Não sei se você conhece John Coatsworth, que é um cara muito bom. Enfim, os professores do departamento eram top. Eu acho que eu nunca vi depois tanto professor assim, top de linha, em um departamento só, porque realmente.

C.C. – Era o Przeworski, Elster.

A.F. – Przeworski, Elster, [inaudível] Katsnelson, os Rudolph, que ele era de política internacional, ela era... Na verdade, ela era uma especialista em Weber, mas era de política, da teoria política. O Brian Berry, o... Ah, meu Deus, agora estou esquecendo de outros. Mas enfim, o [inaudível] estava lá. David [inaudível]. Bem, já falei sete, mas tem mais. Benjamin Page. Olha, era muita gente boa.

C.C. – E você foi orientada pelo Przeworski, não é?

A.F. – Foi. Porque, na verdade, assim, eu fui para lá por causa do Schmitter.

C.C. – Philippe Schmitter.

A.F. – Philippe Schmitter.

C.C – Mas você tinha contato com ele antes já?

A.F. – Eu tive aqui no Brasil. Ele veio para a casa... Ele foi em uma festinha na casa do Alexandre Barros, que era meu amigo.

C.C. – E fez doutorado em Chicago.

A.F. – Que fez doutorado em Chicago. Aí lá eu o conheci e o Alexandre falou com ele sobre o que eu estava fazendo minha tese de mestrado. Aí ele ficou interessado e era uma coisa também... Os americanos são muito tranquilos. Ele falou: “Ah, eu posso ir lá na sua casa para ver?” Ele foi na minha casa, conversou e viu o que eu estava fazendo, enfim. O César Guimaraes virou para mim e falou assim: “Cuidado para ele não roubar seus dados.” [risos] Aquela coisa de americano, – brincando –, que vem só para roubar dado da gente.

C.C. – Agora você mencionou o Alexandre Barros e ele foi orientado pelo Schmitter.

A.F. – Foi também.

C.C. – Eu entrevistei ele aqui. A entrevista dele também. Mas ele fala que ele, pelo tema, acabou se aproximando muito do [inaudível], que era um grande especialista. Aquilo gerou um ciúme do Schmitter. Não foi uma relação tranquila.

A.F. – Ele sempre ciumento. [riso]

C.C. – Você falou, me lembrei dessa história.

A.F. – Foi ele que então me chamou para ir para Chicago e falou: “Garanto uma vaga para o Marcus também.” Era tranquilo. Não tinha nenhum universalismo. O professor pescava e punha lá. Aí ele ficou no primeiro ano como meu orientador, enfim, em perspectiva. Mas ele saiu ao final do primeiro ano. Ele foi para Berkeley. Então eu fiquei com o Przeworski, que foi um excelente orientador. E o Schmitter é um cara muito... Até hoje, quando ele vem ao Brasil, ele me manda e-mail para encontrar. Já encontrei com ele várias vezes quando ele vem aqui. E uma vez a Maria Ermínia me contou que estava um pessoal conversando e falando alguma coisa, que eu era orientanda do Adam. “Mas a Argelina foi minha estudante também.” Então

ele é uma pessoa muito parcial. Se ele gosta, ele gosta muito e por isso ele tem ciúme também. Ele ficou com ciúme do Adam quando a gente... Quando eu vejo, eu falo Adam, porque eu fiquei com ele muito tempo, chamava pelo primeiro nome. Então quando chegou no final da minha tese, ele foi da minha banca também. Eu mandei para ele umas coisas e ele mandou várias coisas escritas. Aí ele falou assim: “E cadê os trabalhadores do Adam Przeworski? Não sei o que.” Então ele ficou criticando, ele ficava meio que... Na época, ele tinha um pouco de ciúmes também.

S.P. – Fiquei muito curioso para saber um pouquinho das disciplinas, os professores com quem você teve aula. Você teve aula com o Jon Elster.

A.F. – Tive.

S.P. – Como que ele é como professor?

A.F. – Nada bom. [riso] Ele é do tipo de cara que dá aula pensando. Aí ele começa a escrever um negócio no quadro, “não dei isso, não”; aí tira o negócio. Mas ele faz, ele dá aula legal. Tudo lá... Uma coisa que eu acho que tem algumas pessoas que não fazem –, eu acho que lá deve ter também, mas eu não tive professor desse tipo. É tudo muito preparado, tudo muito feito. E ele, eu não só fui aluna dele. Eu trabalhei com ele em uma pesquisa.

C.C. – Sobre o que?

A.F. – Sobre justiça local. Foi assim: ele foi meu professor. Depois, quando eu voltei, aí eu só voltei para acabar a minha tese em 1986. Quer dizer, eu voltei para o Brasil no final de 1979. Fiquei lá de julho de 1976 ao final de 1979. E só voltei para escrever a tese. Eu fui para escrever. Eu não tinha tempo aqui. Eu sabia que eu não ia escrever. E tinha uma questão também, que eu tinha um problema. O Wanderley tinha escrito a tese dele sobre 1964 e eu, eu acho que eu não teria tido coragem de ter escrito minha tese aqui. Tinha várias coisas na tese que eram meio fora da literatura e mesmo até alguma coisa, uma pequena crítica ao Wanderley, que não se conforma, que ele acha que está errado, enfim. E aí eu falei: “Não, eu tenho que ir.” Eu tinha ido para a Unicamp, eu trabalhava lá no NEPP, que era sobre políticas públicas. Comecei a fazer muito projeto nessa área e a minha tese era sobre 1964. Eu não tinha tempo nem de ver. Falei: “Eu tenho que ir. Aí a Camila já tinha 10 anos, que ela saiu de lá com quatro e a Joana

tinha nascido. Por isso que o Marcus falava que a Joana era o doutorado. Então Joana tinha cinco, Camila tinha 10 quando nós voltamos, quando nós fomos para lá para eu escrever a tese. E aí o Adam, ele não era de... É antiburocracia e eu tinha que apresentar o projeto, o projeto tinha que passar pelo departamento, eu tinha que formar banca antes de passar por essa burocracia. E o Elster, o Adan tinha indicado ele para minha banca. Aí ele aceitou, mas quando chegou... Ele pegou o projeto, ele falou assim: “Olha, eu acho que você tinha que fazer uma coisa mais substantiva no projeto. Põe alguma coisa, porque eu não conheço o Brasil. Eu queria saber um pouquinho.” Aí eu escrevi tipo umas três páginas, ele disse que estava bom, que tinha dado. Foi o roteiro que eu segui depois. Aí levei uns 10 dias para escrever essas páginas. Aí ele ficou tomando conta de mim, da burocracia. “Ah, seu projeto já vai em uma reunião, que não sei o que.” E eu fiquei lá esse ano inteiro, então tive mais contato com ele e o Adam, que estava lá também. E aí ele foi a minha banca e ele me convidou para publicar um livro da minha tese, que ele dirigia uma série, ele era o editor de uma série da Cambridge University Press, que chamava *Studies on Social Change and Nationality*, uma coisa assim. Aí terminou a minha tese, a defesa, ele pediu para eu ficar e me propôs isso. Eu falei: “Nossa, incrível!” Depois eu fui conversar com ele. Nenhuma tese lá é publicada como está. Teria que mexer um pouco e tal. Mas eu, quando termino o trabalho, eu encerro. Não gosto de voltar a trabalhar. E aí eu fiquei naquele negócio, vou pegar isso de novo. Ele começou a fazer esse projeto de justiça local.

S.P. – Teria que haver muitas mudanças ao que você apresentou?

A.F. – Não, não é mudança. Ele falou, ele indicou algumas coisas, mas a gente não chegou a conversar sobre mudança específica. Antes de a gente conversar sobre isso, um tempo depois, eu cheguei até a ler algumas coisas que ele tinha me indicado, que, na verdade, ele indicou para eu ler Trotsky, sobre a história da revolução russa; ler [Furore?] , sobre revolução francesa e por aí foi. Não me indicou nada de [inaudível]. Aí ele começou esse projeto e me chamou para fazer no Brasil. O Adam ficou danado da vida. Falou: “Você tem que fazer essa mudança.” Aí ele falou: “Se você publicar um livro...” Porque na época a Cambridge University Press era bem mais difícil de publicar. Isso em 1986. Aí ele falou: “Se você tiver um livro pela Cambridge, você trabalha em qualquer universidade aqui.” Aí eu falei: “Mas eu não quero ficar aqui.” Então encerrei. E quando eu publiquei meu livro aqui no Brasil, eu escrevi em inglês,



eu nem traduzi. Pedi alguém para traduzir. Pedi alguém para rever. Só li a última versão, para ver se estava tudo certo. Eu não aguentava mais ver. Enfim, e aí foi isso.

C.C. – Você não pensou em ficar lá, você e o Marcus?

A.F. – Nem um minuto.

C.C. – Porque muitos estrangeiros que estão nos Estados Unidos como alunos de doutorado, o sonho da maioria é ficar nos Estados Unidos.

A.F. – Mas é hoje isso, eu acho. Eu acho que isso é hoje. Na época, não. Isso talvez não, porque a gente era um pouco provinciano.

C.C. – Eu não estou falando de brasileiros, não. Estou falando de um público, em geral, internacional.

A.F. – Em geral? Ah, não. Eu estou falando de brasileiro. Brasileiro é bem provinciano. Eu acho que nesse ponto eu era. Eu não sairia do Brasil. É lógico, e também não tinha esse negócio, não tinha essa lattesmania, que para mim, publicar um livro aqui, publicar lá, não estava muito... É lógico que... Não é que... Eu adoraria publicar lá, mas eu não estava disposta a trabalhar mais um ano no meu livro.

C.C. – Agora, argelina, sobre o tema. Como é que ele surgiu? Por que você foi estudar?

A.F. – Sessenta e quatro? Ah, sempre foi uma coisa que eu quis estudar e quase que eu desisti depois da tese do Wanderley. Depois da tese não. É, da tese do Wanderley. Falei: “Nossa, o Wanderley está escrevendo uma tese sobre esse assunto. Eu vou escrever.” Quase desisti.

C.C. – A Lúcia Hipólito defendeu o mestrado quando? Foi aluna do Wanderley.

A.F. – Ela foi aluna do Wanderley. Foi orientanda do Wanderley. Acho que foi antes.

C.C. – Oitenta e três, se eu não me engano. Oitenta e três?

A.F. – Oitenta e três, provável.

C.C. – Acho que ela defendeu em 1983.

A.F. – Porque o Wanderley defendeu a tese dele em 1979. Bem, mas a motivação mais imediata foi a seguinte: você perguntou sobre os cursos. O Adam deu um curso que era de três trimestres. Na época, era trimestre. Não era semestre. E esse curso era sobre governos de esquerda no mundo e era um curso de pesquisa. E eu comecei a fazer sobre Brasil, Marcus fez sobre Chile. Marcus fazia também. E era com colegas. O meu colega americano... Quer dizer, tinha... Eu acho que era só o Michael. Foi o Michael Wallerstein, que fez junto comigo. Ele até publicou um artigo na *Dados*. Ele já morreu. Ele foi uma pessoa super. influente, um cara superinteligente. Professor de Northwestern e depois, quase no final da vida, ele foi para... Quer dizer, ele estava com um problema que foi descoberto uma coisa no crânio. Um tumor, mas não era câncer, não sei. Ele terminou em Yale. Quando meu irmão, o Zé Antônio, estava lá em Yale também. Até foi a última vez que eu encontrei com ele. Então a gente fez... Era Chile, a experiência da França, 1872. É 1872?

S.P. – Revolução?

A.F. – Não, revolução francesa não.

C.C. – Comuna de paris?

A.F. – *Front*. *Front* popular. Mais o que? Alemanha, república de Weimar. Enfim, a gente fez uma coisa comparativa. Foram três cortes. Foi um curso super legal, que aí tinha o curso e eu disse que cada curso que eu fazia com ele, aí aquele livro que em 1985 ele publicou, e ele fala de governo de esquerda, dilemas...

C.C. – [Inaudível].

A.F. – Não, não o [inaudível]. O *Social democracy and capitalism*, que tem um artigo que é sobre governos de esquerda também. Então ele dava os cursos e pensava e tal. Então foi muito legal esse curso. Eu fiz um curso com o Brian Berry também, que foi também de três *quarters* e ele foi... Que era de teoria política, mas uma boa parte era sobre o [inaudível]. Então a gente leu [inaudível] e a literatura sobre [inaudível] de cabo a rabo. E aí com ele lá em Chicago tinha uma outra coisa que distinguia Chicago dos outros departamentos. É que você tem os exames para fazer. E lá em Chicago tinha o que eles chamavam de *option* [inaudível], que era em vez de fazer exame, você fazia três *papers*. Um seria a tese de mestrado, em três áreas diferentes,

o outro seria teórico e o outro seria de pesquisa. Então esse de pesquisa foi um curso que eu fiz com a [inaudível] Katsnelson, que também acho que foi de dois *quarters*, que o [inaudível] Katsnelson, ele estudava política americana. Então eu queria fazer nessa área de política americana. Aí eu peguei sindicato de novo. Não abandonei totalmente. Eu peguei como que a FL e depois o... Gente, eu estou com um certo Alzheimer. Aquela confederação que foi criada nos anos 1930, que veio substituir a FL. CIO. CIO. Sabia que começava com C.

S.P. – O que significam os acrônimos?

A.F. – AFL era American Federation of Labor. Era a central sindical nacional. E CIO era Confederation of Industrial... CIO. Sei lá, esqueci.

S.P. – Organization.

A.F. – Organization. É. Não, mas Confederation Industrial... Pode ser Industrial Organization. Porque aí os sindicatos passaram a ser industriais e não mais de [inaudível]. Aí eu fiz esse trabalho, que eu peguei a posição da AFL de mil oitocentos e poucos até 1946, quando os dois se juntaram, que aí depois viraram AFL e CIO juntos. E o CIO foi mais combatido durante o período de New Deal, foi criado ali naquela... E eu peguei para ver a coisa liberal. Como a AFL via políticas sociais. Também publiquei um artigo na *Dados* sobre isso, que eu até gosto desse artigo. E fiz o de teoria com o Brian Berry, que fiz sobre justiça e igualdade, que era uma coisa que tinha [inaudível] e uma literatura mais ampla. Então eu fiz esses três *papers*. Foram os meus exames. Então eu não fiz pouca coisa com uma filha de seis meses. Fiz 23 cursos, fiz os três *papers*, que são os exames, e defendi o tema da tese, o qual eu só voltei a pegar em 1986.

S.P. – Como se fosse uma... Como é que se diz aqui mesmo? A qualificação.

A.F. – É a qualificação.

C.C. – Você volta em 1986 para escrever, mas nesse meio tempo você disse que voltou no final de 1979 para o Brasil.

A.F. – Pois é. Aí em 1983 a gente mudou para São Paulo.

C.C. – Você trabalhou na Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.

A.F. – Sim.

C.C. – O que você fazia?

A.F. – O que eu fazia era o seguinte: era a Helena Severo que era a sub... Subdiretora não. Subsecretária. E ela montou uma pesquisa, que tinha uma parte de cidade... Que era na Favela do Alemão, que era para fazer um censo jurídico e fazer um *survey*, que o César Guimarães e o Wanderley também participaram desse *survey* e eu coordenava e tinha um médico do CMS também, que coordenava uma outra área, e uma pessoa da área jurídica. Durou dois anos praticamente. Era uma pesquisa contratada.

C.C. – Entendi. Você deu aula aqui também na Ebape, de Ciência Política?

A.F. – Dei. Dei. Dei, é verdade. Dei. Acho que eu dei dois cursos. Um sobre desenvolvimento político.

C.C. – E o IUPERJ? Você frequentava nesse período, meio tempo?

A.F. – Frequentava.

C.C. – Tinha o Amauri e o Wanderley que você era mais próxima.

A.F. – É, mais próxima.

C.C. – Wanderley você disse que era seu modelo de...

A.F. – Era o meu guru. Total. [riso] Intelectual, que eu estou falando. Eu tinha uma admiração enorme. Eu sou amiga do Wanderley também. Enfim, eu achava ele perfeito do ponto de vista. Ele era meu modelo.

S.P. – Mais que os americanos, ou de um jeito diferente?

A.F. – De um jeito diferente. Acho que de um jeito diferente. Eu acho o Adam Przeworski ótimo, acho o Elster também, mas enfim, são modelos também para mim. Toda relação. Eu vou te dizer, eles são muito abertos. O Elster, por exemplo, depois que eu comecei a trabalhar nesse projeto e a gente se comunicava, tinha uma reunião por ano. Foi durante uns três, ou quatro anos. Uma reunião foi na França, a outra, que foi no interior da França e foi um festival

gastronômico, era difícil a gente se concentrar no debate, que era só pessoal do projeto; e uma foi na Noruega, em Oslo. E o Elster sempre morou em Oslo. Ele ia para Chicago. Ele dava dois cursos, dois ou três, às vezes, mas geralmente dois cursos, mas ia e voltava. Então ele tinha me dito que o pai dele, que era um socialista, militante socialista, tinha vindo ao Brasil em 1963, durante o governo Jango. E aí, quando eu fui lá para o seminário, ele me convidou para jantar na casa dele para conhecer o pai dele. Ele veio em uma ANPOCS também e deu uma conferência. Depois eu perguntei o que ele queria fazer em São Paulo, aí ele falou: “Quero ir na sua casa jantar.” Falei: “Ah, meu Deus do céu.” Foi. Foi tudo bem.

S.P. – O que me chama atenção, – eu não sou um grande conhecedor da obra do Wanderley, mas já li bastante o Elster e o Przeworski. Queria saber sua opinião. Nos seus escritos, assim como o Przeworski você parece muito organizada. Pega um problema, pega os dados, como você falou. O Przeworski eu vejo muito ele assim também, enquanto o Elster e o Wanderley Guilherme parecem mais pensadores livres e criativos.

A.F. – São. O Elster, antes de ele começar essa pesquisa de justiça local, ele já tinha escrito um livro sobre o assunto.

S.P. – Me parece, enfim, não o conheço pessoalmente, mas muito abertos, muito criativos e eu não acho que você tenha perfil.

A.F. – Não tenho, pois é, mas de qualquer maneira, eu acho... Nesse ponto eu me aproximo muito mais do Adam Przeworski, da maneira de trabalhar.

C.C. – Não tem uma entrevista aí que você falou “não sou intelectual, sou cientista política”?

A.F. – Eu falei. Não sei aonde, mas eu falei mesmo.

C.C. – Fabiano Santos. Lá na CP, eu acho.

A.F. – Eu acho que foi na ANPOCS. Olha, eu vou te falar uma coisa. Por exemplo, não é que eu tenha... Você falou: “Eles são mais livres pensadores.” Talvez eles sejam mais ousados. Eu acho que eu tenho uma boa formação em teoria política, mas eu acho que para fazer teoria política... Eu até quando voltei de Chicago, comecei a trabalhar... Como eu trabalhava lá no NEPP da Unicamp, que era políticas públicas. Eu tentei introduzir um pouco da área de teoria

política nas políticas públicas, para você pensar políticas públicas. Eu acho que eu penso um pouco assim. Eu acho que eu tenho uma formação, não para ser teórica e nem vocação. Porque aí eu comecei a querer escrever mais coisa e... Falei: “Não.” Mesmo porque eu acho, a minha praia é essa mesmo. Eu gosto de pegar um problema, ver uma realidade e ficar batalhando. Por exemplo, eu estou escrevendo um *paper* que já tem quase três anos. Não sistematicamente, mas eu procuro, entro daqui, pego dali e tal. Demoro.

S.P. – Sobre o que é?

A.F. – Sobre formação de lista partidária. Estado do Rio que eu estou pegando os dados. Então é isso que eu gosto mais, mas eu gosto de teoria. Então eu não sou intelectual no sentido assim, de que o meu interesse é... Eu não vou definir intelectual, entendeu? Mas eu fico mais para o lado de cá mesmo.

C.C. – Intelectual também acho que tem uma dimensão pública para além da academia, de falar mais sobre conjuntura e, enfim, ser intérprete de grandes questões.

A.F. – É. Tem esse lado, porque é cientista político para fora.

C.C. – Sua atuação é muito na academia, não é?

A.F. – Na academia, mas, por exemplo, já dei muita entrevista e tudo, então só dou sobre o que eu sei.

C.C. – Sobre o que você pesquisa, de fato.

A.F. – Então não sou de falar. Olha, a quantidade de entrevista... Outro dia uma pessoa falou assim: “A senhora queria me dar uma entrevista?” Era de uma revista. “Sobre as chances do Bolsonaro e como ele está.” Falei: “Não. Não sei sobre isso, por isso que eu não dou.” Então sempre foi assim. Eu acho que é uma postura que é melhor para mim e que também eu gosto. Vai continuar.

C.C. – Agora, você mencionou já duas vezes e eu queria falar mais sobre a ida para a Unicamp. Foi a Maria Hermínia que estava criando, ou tinha acabado de criar o NEPP, Núcleo de Estudo de Políticas Públicas.

A.F. – Políticas públicas. E ela me ligou um dia e falou assim: “Argelina, queria muito que você fosse.” Por causa desse artigo de política social nos Estados Unidos. Mas o NEPP não tem pesquisador. Tem que entrar por um concurso no departamento. O NEPP é ligado ao departamento e tem que ser. Ela falou: “Vai ter um concurso. Você não gostaria de fazer?” Eu falei: “Eu gostaria, mas não dá, porque o Marcus está aqui no IUPERJ, a gente está com tudo, vida aqui, é meio difícil de eu fazer.” Aí no dia seguinte, cheguei lá no IUPERJ, o Marcus falou: “Bolívar ligou.” Eu perguntei para a Maria Hermínia: “Vocês estavam combinados?” Ela falou: “Não. Mega coincidência.” Aí o Bolívar ligou para o Marcus ir para o IDESP. Ai a gente falou: “Vamos ?” “Vamos.” Fomos.

C.C. – Moraram em São Paulo.

A.F. – Moramos em São Paulo.

C.C. – Aí você ia para as aulas na Unicamp.

A.F. – O Marcus tinha que trabalhar todo dia. Eu ia para a Unicamp duas, ou três vezes por semana. Noventa por cento dos professores do departamento de política moravam em São Paulo.

C.C. – E o NEPP como é que era nesse momento?

A.F. – Olha, o NEPP também era uma coisa, assim, que a gente fazia muita pesquisa. Eu fui coordenadora do grupo de políticas públicas da ANPOCS em uma pré-história, que eu costumo falar, que é quando a Celina fala um pouco da história. Então a pré-história. Era um grupo muito ativo. Uma das pessoas que eu me lembro muito, que era o... Depois eu falo. Enfim, as pessoas eram... O que eu lembro com muita saudade é do Paixão. Era ele que eu ia falar, que estudava política, segurança, e ele era uma pessoa maravilhosa. Muito ativa, atuante, no nosso grupo. E nós fizemos lá no NEPP muita coisa importante. Anuários de política pública, de política social. O núcleo era de políticas públicas, mas era muito mais voltado para política social. A gente fez muita pesquisa encomendada, então era muito voltado para os interesses, às vezes, dos órgãos que pediam pesquisa. Mas teve uma produção interessante. E esse projeto de justiça local eu levei para o NEPP também.

C.C. – Aí você começa também a participar, um pouquinho mais à frente, do CEBRAP, não?

A.F. – Sim, pois é. Esse de política local foi assim: o primeiro concurso de projeto temático que a FAPESP fez eu apresentei esse projeto e ganhei.

S.P. – Isso na Unicamp ainda.

A.F. – Isso. Eu estava na Unicamp ainda. Eu estava na Unicamp o tempo todo. Eu só saí da Unicamp em 1998. E logo em seguida eu fui para o CEBRAP chamada pelo Vilmar Faria, que era o presidente, e o O’Donnell. Um pouco depois, o O’Donnell, na época, estava fazendo uma pesquisa sobre acesso dos 40% mais pobres da população a serviços sociais. Então eu entrei nesse projeto, mas logo em seguida ele veio dos Estados Unidos e falou: “A [inaudível] está querendo financiar um projeto sobre congresso no Brasil.” Isso era em 1990, noventa e pouquinho. E aí ele me pediu para escrever um projeto. Falou: “Quinze dias para você escrever um projeto, que eu vou aos Estados Unidos e vou levar para eles verem.” Aí eu escrevi, eles aprovaram. E deram um dinheiro que foi muito bom na época. Um bom dinheiro. Acho que foi \$200 mil ou \$300 mil. Em 1990 era muito dinheiro.

S.P. – Hoje ainda é.

A.F. – É, hoje ainda é. É verdade. Mas a gente ficou mais de quatro anos financiando pesquisa.

S.P. – Só com isso?

A.F. – Não, porque lá no CEBRAP era assim: dos projetos que você conseguisse, tinha que dar 30% para o CEBRAP, porque o CEBRAP não tinha como se manter. E o salário você tirava. O salário era quase pró-labore, porque era tanta gente trabalhando no projeto e o projeto foi um projeto caro, que eu e o Fernando ganhávamos muito pouco, na verdade.

S.P. – E com isso custeavam as bolsas dos alunos também? Tudo vinha desse...

A.F. – Não tinha muita bolsa. Quer dizer, depois nós começamos a ter bolsa da FAPESP. Em 1996, porque aí o projeto temático sobre Congresso foi quando acabou o dinheiro da [inaudível]. A gente pediu esse projeto temático e começou em 1996 e está até hoje, na verdade.

C.C. – Você falou do Fernando. O Fernando Limongi você conheceu quando?



A.F. – Olha, o Fernando eu já conhecia no IDESP. Ele fazia uma pesquisa no IDESP quando o Marcus estava lá. Eu sempre tirei uma casquinha nas instituições que o Marcus ficava. Porque aí lá no IDESP também eu sentava em uma sala lá, porque nos outros dias que eu não ia para a Unicamp, então eu tinha um lugarzinho lá no IDESP e tal. Então conheci o Fernando de lá, que ele trabalhava nesse projeto, que o Sérgio Miceli fez sobre história das ciências sociais, que a Fundação Ford financiou.

C.C. – Ele tinha tido o mesmo orientador, não?

A.F. – Quem? Ele?

C.C. – É, o Limongi.

S.P. – Não, foi depois.

A.F. – Não, ele foi muito depois. Fernando é 10 anos mais novo que eu. Ele fez o mestrado na Unicamp. Ele estava fazendo o mestrado ainda.

S.P. – Mas ele foi mestrando na Unicamp e você foi professora lá?

A.F. – Eu era professora lá. Mas eu não fui. O Fernando já devia ter saído de curso do mestrado. Eu não me lembro bem, mas eu conheci ele no IDESP. Não conheci ele como aluno. Não, ele na estava mais fazendo curso, porque eu dei curso no mestrado. A Marta Régis, por exemplo, fez curso meu e ele não fez. Aí ele foi para Chicago e ficou lá com o Adam. E quando ele estava voltando, eu já estava com esse projeto do Congresso. E ele voltou não sei se foi em 1992 ou início de 1993. Eu não lembro bem. E aí o Adam falou: “Argelina, o Fernando está voltando.” Eu conheci o Fernando, mas eu nem teria pensado. Aí o Adam falou: “Olha, o Fernando está voltando. Você não quer chamar ele para fazer alguma pesquisa?” Aí eu chamei o Fernando e a gente começou uma parceria muito boa, em todos os sentidos. Eu acho que os resultados foram bons, mas o convívio lá no CEBRAP, eu e o Fernando, sempre, a gente foi... Inclusive para escrever, não sei se o Fernando falou isso, a gente fazia assim. Nós nunca fizemos alteração de texto.

C.C. – Vocês estão fazendo bodas de ouro acadêmicas, quase.

A.F. – Quase, exatamente.

C.C. – De ouro não. Perdão. De prata. Vinte e cinco anos.

A.F. – De prata. É de ouro não. É muito difícil, não é?

A.F. – É muito difícil. Você tem muito caso de pessoas que trabalharam juntas e depois viram inimigos mortais por detalhe, nome que apareceu antes no livro e quem trabalhou mais, quem fez o que. Como que é a fórmula para dar certo um bom relacionamento acadêmico, parceria?

A.F. – Não sei a fórmula. O Fernando é muito tranquilo e eu não sou de brigar também, então eu acho que isso já ajuda, não é? Mas de qualquer maneira, sabe como a gente trabalhava? Começava, conversava, não sei o que, começava a escrever uma coisa. O Fernando não escrevia no computador. Ele escrevia à mão. E o Fernando é bem desorganizado. Aí pegava, começava a dar uma versão. Quando tinha uma primeira versão mais ou menos pronta, aí ficava assim. Fernando passava, mudava o que ele queria. Passava para mim. Eu mudava o que eu queria. Ele lia. Ninguém nem falava o que estava mudando para o outro. Aí passava, eu lia. Aí o Fernando falava assim: “Vamos dar umas mãos de tinta.” [riso] Passava e ia passando. Uma vez, até aquele artigo que a gente publicou na *Comparative Politics*, que eu falei, a gente estava na 11ª versão de passar.

C.C. – Antes dos pareceristas?

A.F. – Depois. Aí eu falei: “Fernando, vamos parar, que a gente já está piorando o artigo. Vamos parar por aqui, porque se não vai ficar... Está ficando ruim.” Então a gente era muito tranquila com esse negócio. E agora a gente escreveu um outro. O fato de estar lá mais separado e cada um fazendo umas coisas, a gente passou a fazer menos coisa junto, mas foi muito bom. O Marcus falou que nós éramos Roberto e Erasmo Carlos. [risos]

S.P. – Bom, sobre esse projeto do Congresso eu tenho muitas perguntas. Sempre quis fazer para você e para o Limongi. Primeiro, a dificuldade. Isso era 1992, 1993, 1994.

A.F. – Começou em 1991.

S.P. – Como era coletar dados parlamentares estando em São Paulo, sem internet?

A.F. – Tinha uma pessoa, a gente tinha um contato no Senado, no Prodasen, que era quem manipulava todos os arquivos e eles mandavam pilhas de papel assim, com tramitação. E a

gente ainda tinha que selecionar, porque aquelas pilhas, aqueles [inaudível] muitas vezes ficavam. Então a gente começava a passar em planilha. Foi tudo assim. E votação nominal também. Votação nominal a gente pegava em diário oficial. Diário oficial não. Diário do Congresso. E foi isso. A gente ia fazendo as pilhas. Os contatos, foi engraçado, porque a primeira vez que nós pegamos todas as medidas provisórias e que a gente começou a fazer reedição, o rapaz lá do Senado fez um livro. Um livrinho. Ele fez um livro com a lista das medidas provisórias. Não é que a gente tenha dado para eles o nosso... Ele fez lá, porque ele tinha. Muitas vezes a gente consertou algumas coisas que estavam inconsistentes, porque a gente põe planilha. Falava com o secretário lá. E a outra coisa a gente coletou de 1989 a 1995 as votações nominais. Em 1995 a Câmara começou a coletar, a disponibilizar. Até 1995 só tem o nosso e a partir de 1995 a Câmara começou. Aí a gente começou a codificar a recomendação do líder. Aí a Câmara começou. O que eu acho ótimo, porque aí ficou público. E nós continuamos a fazer até hoje, mas hoje já está bem mais fácil. A gente pega na Câmara com todo o resto, mas a gente faz sempre uma crítica muito grande dos dados inconsistentes.

S.P. – Vocês chegaram a passar algum tempo em Brasília?

A.F. – Muito pouco. Tanto que o [inaudível], que é o nosso inimigo número um, ele fala: “Como é que pode escrever sobre Congresso e não vai a Brasília?” [riso] A gente fez muito pouca entrevista e fomos pouco a Brasília. Depois até começamos a ir mais, mas porque eles convidavam.

C.C. – Você ficou 15 anos, mais ou menos, na Unicamp.

A.F. – Não, fiquei 16 anos. De 1983 a... É porque pegou o ano inteiro. Quase 17 anos.

C.C. – Em 1999 voltaram para o Rio de vez.

A.F. – Na verdade, de 1999 até... Eu só voltei para o Rio... Quer dizer, viemos morar aqui, mas o Marcus já estava no IUPERJ um pouco antes de a gente morar aqui. Um pouco antes não. Bem antes. Eu acho que uns cinco anos ele ficou [inaudível] e depois eu fiquei mais cinco anos também indo para São Paulo, porque eu assumi aquele CEPID do Centro de Estudos da Metrópole. Eu ficava em São Paulo de terça até sexta.

S.P. – O CEPID é um temático maior.

A.F. – Bem maior. E são poucos CEPIDs. Na verdade, eu era diretora científica do CEBRAP quando a gente pediu esse projeto, mas a coordenadora era a Regina Meyer, que era uma arquiteta. O projeto estava muito... Tinha uma parte política, sociologia, não sei o que, mas o centro era a coisa da metrópole e tal. E aí aconteceram uns problemas, três meses depois ela teve que deixar. E aí eu assumi no projeto, que foi uma empreitada. Na verdade, esse foi um projeto que tinha muito dinheiro. Para quatro anos sabe quanto era? Cinco milhões. Mas tinha também coisa. O CEAD estava envolvido, então tinha compra de máquina para o CEAD, não sei o que. Mas só aqui coordenador dos projetos da Fapesp é você que recebe, então eu tinha que se assinar todos os cheques. O Fernando falava assim: “A gente não é mais pessoa física. É pessoa jurídica.” É um negócio de louco. É junto com a FAPESP, mas de qualquer maneira, foi uma coisa muito... Foi bem trabalhosa.

S.P. – Isso te tirou muito tempo de pesquisa?

A.F. – Ah, tirou. Não fazia uma lá. E também lá tinha muita pesquisa e a gente fez assim, bancos de dados incríveis, mas para você coordenar... E eram muitas instituições. Depois, quando eu saí, eu indiquei o Eduardo. O Eduardo era jovem ainda, eu fui falar diretamente com o diretor científico da FAPERJ, convencer de que o Eduardo podia. Ele até falou: “Ah, você não pode ficar como coordenadora e ele vice?” Eu falei: “Não, porque eu não quero trabalhar e eu não sou de pegar uma coisa para o outro trabalhar. Então ele tem que ficar.” Ele ficou e eu acho que o Eduardo focou mais... O projeto, para começar, a FAPESP exigia muitos contatos com outras instituições, então tinha TV Cultura, CEAD, SESC, tudo isso envolvido no projeto. Então era uma... Enfim, incrível. E prejudicou sim.

C.C. – Mas por que você decidiu sair do projeto?

A.F. – Do Centro de Estudos da Metrópole? Ah, não.

C.C. – Da coordenação.

A.F. – Eu já tinha entrado para ficar por um período. Por exemplo, eu não ficaria. Até tinha...

C.C. – Você foi diretora até 2004 e aí...

A.F. – Aí passei para o Eduardo. E o Haroldo Torres e o Eduardo Marques que me ajudaram muito na parte, porque tinha uma coisa toda de georreferenciamento. A gente conseguiu georreferenciar coisa, a gente comprava mapas de lugares que só vendiam, não tinha... O cara tinha roubado da prefeitura e depois vendia. Fazia uma empresa. Isso aí também é coisa que eu não devia falar, mas enfim, era isso. E a gente tornou totalmente público. Acabou com o negócio dele. O mapa da cidade de São Paulo georreferenciado. E aí o Haroldo, quando eu saí, o Haroldo falou assim: “Argelina, você não vai conseguir se desligar.” Aí eu falei: “Haroldo, você não me conhece. Da mesma maneira que eu não quis ficar ocupando um lugar para o Eduardo trabalhar, eu não... Se eu não sou responsável, eu acabei. Acabou. Eu não vou ser ex-diretora aqui. De jeito nenhum”. E saí. Aí em 2005 eu comecei no IUPERJ.

C.C. – Quer dizer, aí passou a morar em tempo integral no Rio.

A.F. – No Rio. É, eu ainda ia a São Paulo bastante. Eu tenho uma filha que mora em São Paulo e duas netas.

C.C. – Mas profissionalmente ficou aqui.

A.F. – Profissionalmente fiquei aqui. Mas eu continuei a participar do projeto temático e eu participo até hoje.

S.P. – Eu fiz mestrado na USP, conheci muitos orientandos e orientandas seus e você tem uma reputação como excelente orientadora, muito atenciosa, desde iniciação científica até o doutorado. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso, sua relação com os orientandos. Eu sei que esse projeto é do SEBRAP e do CEPID , envolve dezenas de alunos, então conta um pouquinho como que é isso para você.

A.F. – Tanto os meus orientandos de mestrado e doutorado, quanto os outros, essa é uma parte que eu gosto de fazer.

C.C. – Mais do que dar aula na graduação.

A.F. – Eu gosto de ensinar a fazer o projeto. A fazer projeto, a pensar o que está fazendo. Isso é uma coisa que eu gosto mesmo. Mas agora já estou querendo diminuir. Já estou diminuindo. Esse ano eu tenho quatro doutorandos que se formam. Isso aí eu não vou substituir.

C.C. – [N]O IUPERJ você vem com a bolsa de visitante.

A.F. – Começo com uma bolsa de visitante.

C.C. – Você pega uns cinco anos da crise do IUPERJ, como falavam, que foi prolongada.

A.F. – Exatamente. Eu cheguei a ser contratada.

C.C. – As pessoas não recebiam salário integral.

A.F. – Pois é, eu estava entre esses. Quando acabou minha bolsa, demoraram... A Cândido Mendes demorou a contratar, acabaram me contratando. Então, quando nessa transição, o Jairo era diretor, o Jairo Nicolau. É bom eu falar isso, sobrenome. O Jairo era o diretor e eu era diretora de pesquisa, então eu estava na diretoria. Na época era um diretor, um de pesquisa e um de ensino, de pós. Então passei por essa crise bem de perto.

C.C. – E como é que você viveu a crise? Como é que você interpreta a crise do IUPERJ? Por que acabou no formato que tinha? Depois tem o IESP, que já tem diferença.

A.F. – Olha, a crise, eu acho assim, os irmãos do Cândido Mendes nunca foram muito simpáticos ao IUPERJ. E quando a própria crise da Cândido Mendes aumentou, quer dizer, os apertos da Cândido Mendes, existia uma pressão para o IUPERJ ser pago, gerar recurso. E os professores não aceitavam isso. Era o Cândido que defendia o IUPERJ perante os irmãos dele. E aí uma certa hora ele parou. Ele também começou a entrar na pressão. Não sei se é porque ele mudou de ideia, porque ele, inclusive, foi na posse do Jairo. Ele super elogiou o Jairo e não dava nenhuma impressão de que ele ia passar por uma postura... Mas ele já estava começando a pressionar. E durante esse período que eu e o Jairo estivemos, a gente teve conversas com o Cândido Mendes que ele falou: “Não vou pagar.” Ele estava [há] seis meses sem pagar e falou: “Não vou pagar. Não vou mais pagar.” Aí o Jairo falou para ele até: “Mas como que eu vou manter os professores?” “Se quiser, sai.”

C.C. – E alguns foram saindo, de fato.

A.F. – Foram saindo, de fato. Inclusive o Jairo depois.

C.C. – Mas o Jairo ficou até o finalzinho.

A.F. – Não, ele terminou. Terminou. Eu estou falando depois. Então foi essa coisa. E nesse período... Quer dizer, o Jairo foi responsável pela transição, pela alternativa da UERJ. A gente pensou várias, quer dizer, tentou buscar várias soluções. Inclusive, uma vez o diretor científico da FAPERJ, o atual reitor da UERJ, ele teve uma reunião.

C.C. – Ruy Marques.

A.F. – Ruy Marques, que é meu conterrâneo também, é de Bom Jesus. Eu soube em uma homenagem que teve a ele. Nem sabia. O Ruy Marques, ele foi para começar a pensar junto com a gente, quando o Luís Fernandes era presidente da FINEP e a gente não via nenhuma solução. E a solução da UERJ foi porque o Jairo conhecia o Vieira Alves. Você sabe dessa história? Você deve saber. O Jairo pode ter te contado. Não foi nenhuma conversa, que o Jairo tinha e estava... Sei lá, de botequim. Conversando, não de botequim, mas uma conversa entre os dois, social, socialmente. E aí o Vieira Alves falou: “Por que vocês não vão para a UERJ?” E o Jairo falou: “Ah, pode ser. É uma boa solução. Você acha que dá?” Ele: “Eu acho que dá. Vamos ver.” Aí foi pouco tempo dessa conversa até a realização. E aí, para fazer essa transição, a gente precisa dizer que o Sérgio Cabral foi fundamental. Saiu uma nota no Ancelmo Gois dizendo: “E aí, Cabral! Você vai deixar acabar mais uma coisa no estado do Rio? Centro de pesquisa...” Ele ligou para o Ancelmo Gois e falou: “Está indo para a UERJ.” Porque essa coisa estava sendo costurada, mas sem a decisão ainda. E passado isso, ele mandou um e-mail para o Jairo, com cópia para o secretário das Finanças e Ciência e Tecnologia e falou: “Viabiliza.” E aí foi. Mas essa transição foi dolorosa.

C.C. – Difícil. Eu sei. Sou muito amigo do Jairo.

A.F. – E agora está sendo também.

C.C. – A chegada na UERJ também foi, porque tinha um departamento de ciências sociais, que dava aula na graduação, por exemplo.

S.P. – E já havia cientista político lá.

A.F. – Sim, tinha. Tinha ciências sociais.

C.C. – E tinha isso. Eles tinham uma carga, por exemplo, de aula na graduação que o IUPERJ não tinha.

A.F. – Mas olha, isso aí é preciso esclarecer, porque eu participei de todas as reuniões. Quando nós chegamos, ainda não tinha... Primeiro que demorou a ser reconhecido oficialmente o IESP. E as negociações foram duras, porque o pessoal de ciências sociais só topou a coisa do IESP se o reitor criasse um centro de ciências sociais. Foi condição. Aí ele criou. Os dois foram criados no mesmo dia. Nós estávamos no auditório e o pessoal das ciências sociais também. E a outra coisa: na véspera, para eles aceitarem tudo, sancionar tudo, teve uma conversa com o diretor de graduação, que o IESP tinha que pegar todos os cursos de ciências sociais externos e é isso que o IESP faz até hoje.

S.P. – Externos como?

A.F. – Não pode dar aula nas ciências sociais. Dá aula para enfermagem, para serviço social, para todos os cursos da UERJ que têm sociologia. O único que a gente não aceitou foi antropologia, porque não temos antropólogos. Quer dizer, tem a Alba lá, mas... A Mariana é antropóloga de formação, mas não é antropóloga. Não tem gente.

C.C. – Pouca gente. Mariana é comunicação.

S.P. – Foi organizado um concurso?

A.F. – Não, não. Concurso já tinha. Estou falando dos professores que já estavam concursados, porque essa mudança oficial... Porque o reitor era muito engraçado. Um dia eu cheguei lá para falar com ele, porque o Jairo não podia. Eu falei: “Olha, vai ter uma transferência de um...” Do CNPq. Centro de excelência. Como é que chama, gente?

C.C. – O edital? Pronex?

A.F. – Não. Não o Pronex. Já tinha um INCT, que o Renato e a Eli Diniz eram coordenadores. A Eli ia deixar, o Renato ia ficar, então ele ia levar para o IESP. Mas o IESP não existia. Aí eu falei para o reitor: “Como é que a gente vai fazer? A gente pode aceitar?” Ele falou: “Aceita. Fato consumado. Vocês têm e-mail do IESP, vocês têm site do IESP.” Mas não tinha no papel. Para ir para o papel foi isso. Primeiro teve que formar o instituto de ciências sociais e passar



todas as aulas de graduação externas para o IESP, que é o que acontece. Então eu acho que tem aí histórias correndo, que não são... É obvio que eu entendo a reação, mas não foi sem fazer concessão que o IESP entrou lá. E nem foi na condição de ficar como era o IUPERJ. Não houve isso. Porque, inclusive, mesmo antes de ter essa exigência toda, eles simplesmente mandaram um ofício. O Jairo ainda estava. “Ah, nós precisamos cobrir um curso, três cursos de teoria política.” Nós fomos dar. Quer dizer, nós não. Eu não sei. Sou pesquisadora só. Sou professora do [inaudível]. Oficialmente eu tenho que dar curso junto com algum professor concursado, porque eu sou pesquisadora.

S.P. – Ah, entendi. Então você não fez concurso.

A.F. – Não, não fiz. Não tinha sentido. Se eu fizesse concurso, eu ia ficar sete anos lá.

C.C. – Por quê?

A.F. – Porque eu já tinha 62 anos. Eu ia me aposentar compulsoriamente.

C.C. – Argelina, deixa eu te perguntar um pouquinho só sobre o Cândido, que você mencionou *en passant*. Criou o IUPERJ e foi um personagem muito importante nas ciências sociais, trazendo coisas, trazendo pessoas. Mas enfim, no final, vamos dizer, do IUPERJ, teve um longo período em que a Cândido não pagava fundo de garantia, pagava meios salários, ou não pagava salário nenhum. E as pessoas mantinham um certo não sei se respeito, admiração, encantamento pelo Cândido. Quem era de fora. Por que vocês não tocam fogo nele em praça pública? Porque ele não paga fundo de garantia, não paga salário, atrasava, depois passou a não pagar nada, mas era bem compreensível, para quem era de fora, que as pessoas não se voltavam contra o Cândido. Como é que era esse encantamento?

A.F. – É, não sei. Na verdade, eu não era parte dessa história. Eu participava, por meio do Marcus, mas eu não era propriamente parte. Eu acho que tem, assim, o IUPERJ é muito difícil você... Eu acho que não era encantamento com o Cândido. Era um encantamento talvez com o próprio IUPERJ, porque era uma instituição antiga, tinha a revista mais antiga. As pessoas não queriam que acabasse. Os mais antigos ficaram muito... Enfim, eu acho que tinha essa resistência. O encantamento eu acho que foi há muito tempo atrás, porque o Cândido era desse tipo, de fazer, acontecer, trazer os principais, os potentados da ciência política e tal. Mas isso é

na época que ele tinha bastante dinheiro. Agora ele faz isso com todo mundo que trabalha lá na Cândido Mendes e está todo mundo com processo. Nós lá do IESP, cada um tem um processo contra ele. A dívida dele é enorme, que eu não sei se os nossos netos vão receber. O Marcus tem muito mais do que eu e tem gente que estava antes. Ele parou de pagar essas coisas todas tem um tempo. Um bom dinheiro cada um tem para receber desses atrasados todos. E ele ainda fez uma última coisinha. Quando a gente foi declarar o imposto de renda... Nós saímos em junho, não é? Quando a gente foi declarar... Gente, eu estou falando demais, não é?

C.C. – Não, não. Temos tempo. Está ótimo. Meio-dia. Meio-dia e cinco. Você estava falando do imposto de renda.

A.F. – Ele pagou três meses, alguma coisa, alguma coisa naquele ano. E quando a gente foi pegar o imposto de renda, estava declarado. Estava o ano inteiro. É como se ele tivesse pago o ano inteiro. Aí a gente teve que entrar, ainda ter trabalho, para dizer que não tinha recebido.

C.C. – Queria só perguntar um pouquinho, antes de fazer umas questões mais gerais, sobre a tua experiência. Foi o comitê de avaliação da área de ciência política na Capes, no CNPq. Olhando o campo da ciência política, isso foi final dos anos 1990, início dos anos 2000. Noventa e seis a 1999 na Capes e 2001 e 2002 no CNPq. Como é que você teve essa experiência de ver a área de ciência política? O que você acha? Que ela mudou do tempo que você começou, até...

A.F. – Eu acho que sim. Por exemplo, lá no comitê, que eu acho que é uma coisa que está se mantendo com os problemas orçamentários... Eu fui do CNPq acho que antes da Capes. Eu fui junto com a Regina. O que a gente procurou foi abrir espaço para os mais novos. Toda vez que o CNPq dava um dinheiro extra, a gente atendia as demandas dos mais jovens. Procurava fazer aquela fila, que eu acho que existe até hoje. Demanda, demanda, demanda. Eu falo para os meus conhecidos, colegas, etc. Eu falo assim: “Não deixem de pedir todo semestre. Um dia sai.” Porque agora o gargalo está maior. De ser um pouco mais rigorosa com a ponta de cima para entrar mais jovens. E eu acho que a ciência política ficou... Está com uma boa... Ampliou-se bastante.

C.C. – Anos 1970 eram muito limitados os espaços acadêmicos de excelência. Então a antropologia tinha o Museu Nacional. Depois Brasília, USP, mas ciência política tinha o IUPERJ. A USP também nas pessoas formadas...

A.F. – E depois, mais tarde. Isso foi mais tarde, a USP.

C.C. – Hoje não. Hoje o IESP é um dentre muitos.

A.F. – Um entre muitos. A USP, Minas, Pernambuco, Brasília, Unicamp, o departamento de política da Unicamp. Está muito bom e, enfim, eu acho que houve uma ampliação e uma ampliação de qualidade. Acho isso muito bem-vindo e é obvio que toda área tem gargalos e problemas, mas é mais positivo, do meu ponto de vista.

C.C. – Sérgio queria perguntar sobre os temas, os trabalhos?

S.P. – Eu queria, ainda sobre o projeto do Congresso, o primeiro artigo na *Dados*, talvez o primeiro artigo resultante do projeto foi na *Dados* 1995.

A.F. – Não, foi na *Novos Estudos*, em 1994.

S.P. – Mas o da *Dados* eu acho que um dos artigos do projeto é o mais citado.

A.F. – Hoje sim, porque... Eu acho que os dois são bastante citados. Porque um é sobre a legislação, mais sobre a legislação e os poderes do Executivo. O outro é mais sobre o apoio político que diz alguma coisa sobre a força dos partidos parlamentares.

S.P. – Então são duas coisas diferentes.

A.F. – Depende do interesse.

S.P. – Eu acho que o que ficou muito marcante quando eu fui no mestrado é que esse artigo da *Dados*, que chama “Os partidos políticos na Câmara dos Deputados: de 1989 a 1994”. Estuda as votações nominais, a importância dos líderes partidários para determinadas votações na Câmara, que não seria tão caótico quanto a literatura diria. Hoje em dia, meio que qualquer artigo de cientista político da FGV, da USP, tudo é divulgado na mídia, tem uma ampla divulgação. Como que foi isso na época? Porque saíram resultados revolucionários.

A.F. – Não, mas teve uma divulgação muito ampla. Por exemplo, em 1995 eu dei uma entrevista nas “Páginas amarelas” da Veja. Então teve uma divulgação bem ampla. Eles fizeram uma pequena pegadinha, que é a coisa de editor. Eu até falei com a moça que fez a entrevista. Eu falei que o problema das emendas parlamentares, parlamentar fica fazendo isso, aquilo outro. Falei: “Olha, eu acho que não vejo problema nenhum. O recurso de emenda parlamentar individual não afeta em nada o orçamento. E ninguém melhor para saber o que as pessoas estão precisando do que os parlamentares. ” Dissesse que o deputado estadual devia fazer isso, eu até concordaria, mas não fazem. O orçamento é decidido no nível federal, e não eu não vejo problema nenhum de parlamentar. O que seria a alternativa do parlamentar não fazer escola, posto, ponte pequena, estrada vicinal, etc.? Seria fazer um planejamento global. Isso seria mais barato? Não seria. Então parlamentar quer atender. Então não vejo problema. Aí eles puseram que eu falei que parlamentar podia fazer campo de futebol. Não falei isso. Falei ponte, posto de saúde, estrada pequena e tal. Mas teve uma divulgação muito grande. Inclusive, no período do governo Fernando Henrique... Eu tinha esses jornais. Eu perdi, não sei onde está. Estou para procurar. No período do governo Fernando Henrique eu me lembro que eu falei assim: “Você escreve uma coisa e aí as pessoas interpretam como querem. No mesmo dia, no jornal, ou no dia seguinte, tinha um artigo do Genuíno que citava nosso trabalho, resultados e tal. e tinha um artigo do Sérgio Fausto pegando de outra perspectiva. [riso] Então eu falei: “Se eu for me preocupar com a interpretação que dão...” Aí um dia também eu estava conversando com o Bresser. O Bresser falou assim: “Ah, Argelina, eu acho o trabalho de vocês muito legal, mas não concordo que o Executivo pode fazer o que ele quer.” Eu falei: “Aonde que está escrito isso, Bresser?” Aí ele: “”Vocês escrevem isso.” Eu falei: “Me mostra aonde. Não escrevemos isso.” As pessoas simplificam. Mas teve uma cobertura muito grande.

S.P. – A gente está em 2018, o livro, que é uma reunião dos artigos, mas tem também um ou dois artigos inéditos, que é o “O Executivo e o Legislativo na nova ordem constitucional”, publicado em 1999 com o Fernando Limongi. É o seu trabalho mais citado. Eu olhei no Google acadêmico ontem, tem 1360 citações. Para um trabalho escrito em português é muito, muito significativo. Algumas perguntas. Eu queria fazer algumas perguntas. Primeiro, a aceitação internacional desse trabalho. Você já citou [inaudível], até pouco tempo, uma dúvida que fica, em que medida a interpretação de vocês sobre Congresso conseguiu se tornar influente

internacionalmente também, ou se foi bloqueada, ou se isso foi bloqueado de alguma maneira por esses outros intérpretes brasilianistas, não é?

A.F. – O [inaudível], na verdade, é o principal, porque é interessante que ele tem um problema de... Quando a gente estava levantando os dados sobre votação nominal, ele queria que a gente desse para ele antes de publicar. Aí nós falamos: “Não, a gente dá assim que a gente publicar.” E ele ficou danado da vida, achou que a gente estava segurando dado e tal. E ele é a única pessoa que faz... Por exemplo, o David [inaudível], a gente já falou. Outro dia ele estava em um seminário no IESP, eu estava falando, ele falou: “Ih, Argelina, até que enfim a gente concorda em alguma coisa.” Então é uma crítica e uma discordância que eu considero normal. Agora, teve influência fora dos brasilianistas. Aí é que eu acho interessante. Eu fui fazer uma palestra no [inaudível] em 2002, eu acho. No MIT. E tinha gente, por exemplo, [inaudível], várias pessoas ali do MIT. Os professores. E eles me perguntaram sobre o Barry [inaudível], o que eu achava, e eu falei. Falei tranquilamente. Fui fazer uma palestra em Yale, o Michael Wallerstein estava lá na época, e aí ele falou: “Argelina, daqui a pouco vão ver...” Isso foi em 2001, eu acho. Ele era meu amigo, mas de qualquer maneira, ele não falaria uma coisa gratuitamente. Em 2012 eu fui convidada para fazer uma palestra em Harvard, no departamento Weatherhead of international politics, um nome assim. Nunca guardo os nomes direito. E aí estava o diretor, o Steven Levitsky, que foi a pessoa que me convidou. Nessa não estava, porque eles me convidaram depois. Em novembro, em outubro do mesmo ano, como ele sabia que eu estava lá... Essa eles me convidaram pagando passagem daqui do Brasil. A outra eles sabiam que eu ia estar lá em uma *visiting scholarship*. É *scholarship*? Não, não é? Visitando, aí me convidaram para um seminário que eles têm toda terça-feira. Então eu fiz. Essa primeira foi mais sobre América Latina, um texto que eu estava fazendo. A outra foi sobre presidencialismo de coalizão. Ai, meu Deus, aquela que estuda o Brasil. Ah, gente, como eu estou esquecendo.

S.P. – O que ela estuda exatamente?

A.F. – Não, que começou com um trabalho sobre Minas, que eu acho que é a tese dela. Ela é a coordenadora da coisa de Brasil lá no David Rockefeller Center. [Inaudível] American Studies, de Harvard. Ah, gente do céu. Eu vou lembrar. Quando eu quero, às vezes, não lembro. Acabou de escrever um artigo há pouco tempo dizendo que os partidos aqui no Brasil são problemáticos.

S.P. – Mona?

A.F. – Não, não é a Mona. Monaline é...

C.C. – [Inaudível] Hunter?

A.F. – Não. Meu Deus do céu! Daqui a pouco vem. E aí eles todos me fizeram perguntas e ela falou assim. Me perguntou também sobre o [inaudível]. Ela falou assim: “Argelina...” Primeiro, o Steven Levitsky me apresentou da seguinte maneira: “O trabalho dela com o Fernando Limongi mudou a maneira de os americanos pensarem sobre o Brasil.” Então eu acho que foi uma influência muito grande. Só não foi com alguns brasilianistas. Eu estou sendo meio arrogante, mas é a verdade. Aí, gente, agora o nome veio e... Daqui a pouco, se a gente pegar um Google, a gente acha. E ela me falou assim: “Você sabe que a gente partiu...” Quer dizer, ela que era brasilianista de outro time, vamos dizer assim. Não é time, mas enfim, crítica do Brasil, da política, e falou. Ela falou: “Não, eu hoje penso, acho que...” Ela usou uma expressão tipo assim “vejo a partir do trabalho de vocês.” E ela tem esse artigo. Francis [inaudível]. E ela falou: “Hoje eu vejo a partir do trabalho de vocês. ” Então eu acho que, para mim, teve uma influência. Apesar de que um trabalho que eu e Fernando fizemos e que era um trabalho mais completo, feito mais tarde, que a gente pegava mais coisa e comparava 1946 e 1964 com o período atual, esse sim foi barrado em várias revistas. Impressionante. E um dos pareceres da revista, que foi o *British Journal of Political Science*, que eu fiquei impressionada. Esse foi o único que eu cheguei a responder. Mandou um parecer que era um argumento de autoridade, que dizia que os melhores trabalhos sobre Brasil, citando alguns, os de sempre, falavam o contrário. Eu não sabia que revista dava argumento de autoridade. Não avaliava o que estava sendo feito. Aí o editor pediu desculpa, mas manteve. Então tem isso. E é meio... Enfim, eu acho que é meio complicado. E tem isso. A gente sabe que tem no nosso meio. Tem política.

S.P. – Bom, talvez uma última pergunta, não sei como... Mas pensando, relendo o artigo mais teórico, digamos, daquela época, “As bases institucionais do presidencialismo de coalização”, da *Lua Nova* de 1997, se eu não me engano, que eu acho o melhor do livro. É um dos melhores. Eu acho sensacional. Mas lendo com os olhos agora de 2018, depois de vinte e tantos anos da pesquisa, eu fico curioso para saber como você acha que se mantém esse artigo. Você acha que você reescreveria de outro jeito agora? Quer dizer, que posfácio você faria? Esse argumento.

A.F. – Olha, primeiro eu queria explicar um pouquinho. Esse artigo, na verdade, ele tinha toda a visão que as pessoas tinham. Era isso. É um trabalho empírico. O que a gente tentou foi mostrar, sem dar uma tabela e sem um dado, o que a gente... Então esse era o objetivo do artigo. A outra, sobre hoje, eu diria que não tem nada a ver com o presidencialismo de coalizão. Não mudaria nada. Você não tem governo que é... Quer dizer, governo. Você não tem uma estabilidade que é assim o tempo inteiro. Você tem idas e vindas para governos. Você tem várias outras coisas. A crise que nós estamos passando hoje não tem nada a ver, no meu entender, com o presidencialismo de coalizão. Tem a ver com muita política. Muita política. A luta já vinha antes. Presidente perdeu a base no Congresso e você tira a presidente. E a luta continua. E o motivo por que tiraram era... Eu não estou falando em golpe aqui não, tá? O motivo era uma batalha política que foi ganha por um grupo, que se revelou um grupo super corrupto de anos e anos e anos atrás. Então eu acho que nós estamos em uma queda de braço, em uma guerra de posição e que eu só espero que com essa eleição, de alguma maneira, seja lá quem for eleito... E aqui eu não estou falando para o jornal nem para a televisão, mas eu espero que as pessoas vejam que esse ano a gente tem que votar. Seja lá o que for, escolher o menos ruim, para ver se a gente sai dela. Porque teve um problema, que eu não acho que seja de ordem institucional. Pode dizer que teve todo tipo de... Presidencialismo de coalizão, depende de troca, depende disso, depende daquilo. É obvio que depende de concessão de poder. É obvio que depende de influência de quem está entrando em cargo, mas não precisa ter corrupção no nível que a gente viu.

C.C. – Isso que eu ia perguntar. Você acha que a corrupção é o elemento que cresceu, vamos dizer, ou ficou mais aparente?

A.F. – Eu não acho que cresceu. Eu acho que ele ficou mais aparente.

C.C. – E assim, é trivial. Você mencionou o Sérgio Cabral. Está preso. Você falou do Genuíno também, que era uma desgraça. Vários personagens dos anos 1990 estão fora ou presos.

A.F. – Esses estão fora, mas acontece que tem uma conferência do Lowi, Theodore Lowi, na ANPOCS, que ele fez em 1994, que foi muito interessante, que ele falava sobre corrupção. O mote dele é o seguinte: escândalo de corrupção não tem nada a ver com nível de corrupção. Esse era o mote não. Era a teoria dele. E aí qual era o argumento? Escândalo de corrupção

surge quando tem conflito na elite. E eu concordo em gênero, número e grau com isso. As pessoas dizem que não teve corrupção nos militares. Por quê? Porque ninguém sabia. A elite estava ali. A ponte Rio-Niterói foi feita pela Odebrecht nos anos 1970, no auge da ditadura. E você acha que lá a Odebrecht era limpa e agora ela é suja, ou nesse período inteiro que passou? Então eu acho que houve um conflito da elite. Houve um conflito e o escândalo veio à tona . Veio à tona . Agora que antes era maior ou menor eu não sei. Ninguém sabe. Porque não teve antes. Os órgãos de controle não funcionavam na mesma maneira. A Polícia Federal não tinha os mesmos instrumentos e os órgãos de controle foram mais empoderados. E foram empoderados em 12 anos de governo de oposição. Se eu pensar assim, será que o PT é tão burro que vai triplicar o efetivo da Polícia Federal para pegá-los? Então se são, não sei. A minha ideia é essa, de que a gente não sabe. O que eu acho que está havendo é um conflito na elite.

S.P – Em que medida você acha que a personalidade do presidente influencia o gerenciamento da coalizão?

A.F. – Olha, eu sou meio avessa a essa ideia de gerenciamento. Eu acho que coalizão você trata politicamente. Você não gerencia. Você não administra. Administra de alguma forma. Está bom, tudo bem. Eu não vou entrar em semântica, mas eu acho o seguinte: a personalidade do presidente é mais um dos fatores. Não é o principal. Isso cabe tanto para o Lula, como para o Fernando Henrique, como para a Dilma. Porque o Fernando Henrique também, muitas vezes, as pessoas disseram que algumas reformas só foram feitas porque era o Fernando Henrique. Pelo amor de Deus.

S.P. – A fragmentação partidária era completamente diferente.

A.F. – Mas tinha vários fatores diferentes. É isso que eu digo. A teoria que dizia que em um sistema fragmentado, que você tem presidencialismo, que você tem um sistema eleitoral proporcional, que você tem federalismo, enfim, você tem várias instituições centrífugas, você não faz esse tipo de reforma. Você não estabiliza, não redistribui, não faz nada. Fernando Henrique fez. Aí o que a literatura veio dizer? “Ah, graças ao Fernando Henrique.” Vai me desculpar. O Lula redistribuiu. “Ah porque o Lula é carismático e ele fez isso.” Tem nada a ver. Como cientista político você pode dar ênfase. Eu até falo para aluno às vezes. “Eu não sou institucionalista”. Eu estudei Congresso do ponto de vista institucional, porque não tinha esse



tipo de abordagem. Mas eu não posso explicar uma coisa do Congresso só por isso. Não tem fato social que não seja multicausal. Não dá. Então é essa minha visão. Espero que a gente saia dessa.

C.C. – Eu quero fazer uma última. É uma curiosidade, que a gente começou a perguntar no início e sempre pergunta para os entrevistados. Se tivesse que destacar um livro, na tua trajetória inteira. Um livro que te marcou muito. O que te vem à mente? Algo que você leu e...

A.F. – Nossa senhora... Tantos. Sabe que eu não sei te dizer? Por exemplo, do ponto de vista de uma coisa que eu gosto de estudar, que é coalizões políticas, é um livro que chama [inaudível], mas é um livro muito ciência política. Não é tão inspirador. Olha...

C.C. – Bom, mas pode ser.

A.F. – Eu posso pensar depois. Mas esse não é o inspirador. Estou falando que é um livro técnico.

C.C. – Pode não ter também. Às vezes a pessoas têm um livro que mudou. Às vezes é até um romance.

A.F. – Na verdade, é isso. Se eu não sei dizer, é porque muitos me inspiraram. Eu não tenho foco em uma coisa. Eu sou meio desfocada de trabalho. Então eu acho que eu não tenho mesmo. Porque acho que eu tivesse, eu teria a resposta pronta.

C.C. – Bom, Argelina, super obrigado. É um prazer ouvi-la.

A.F. – Até esqueci da câmera, viu?

C.C. – Que bom. Obrigado. Obrigado também Bernardo aí.

A.F. – Muito obrigado a vocês, gente.

[FINAL DO DEPOIMENTO]